

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

Jéssica de Oliveira Menzel

Eu te dedico: afeto, memória e escritas de si

Porto Alegre

2018

Jéssica de Oliveira Menzel

Eu te dedico: afeto, memória e escritas de si

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Cassilda Golin Costa

Coorientação: Anna de Carvalho Cavalcanti

Porto Alegre

2018

Jéssica de Oliveira Menzel

Eu te dedico: afeto, memória e escritas de si

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo

Aprovado pela banca examinadora em ____ de _____ de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Cassilda Golin Costa – UFRGS

Orientadora

Prof.^a Dr.^a. Rosa Maria Bueno Fischer – UFRGS

Examinadora

Prof.^a Dr.^a. Sandra Maria Lúcia Pereira Gonçalves – UFRGS

Examinadora

AGRADECIMENTOS

À mestra Rosa, por me ensinar a olhar as coisas com filosofia;
à Anna, pela generosidade e dedicação;
aos meus pais pelo amor incondicional;
à Cida, pela confiança e cuidado ao me trazer de volta
para a terra todas as vezes em que eu voei longe demais;
aos meus amigos que sempre me lembram quem eu sou.

Voltando a mim: o que escreverei não pode ser absorvido por mentes que muito exijam e ávidas de requintes. Pois o que estarei dizendo será apenas nu. Embora tenha como pano de fundo - e agora mesmo- a penumbra atormentada que sempre há nos meus sonhos quando de noite atormentado durmo. Que não se esperem, então, estrelas no que se segue: nada cintilará, trata-se de matéria opaca e por sua natureza desprezível por todos. É que a esta história falta melodia cantáble. O seu ritmo é às vezes descompassado. E tem fatos. Apaixonei-me subitamente por fatos sem literatura- fatos são pedras duras e agir está me interessando mais do que pensar, de fatos não há como fugir (LISPECTOR, 1998, p.16).

RESUMO

Este trabalho busca explorar as dedicatórias presentes no blog eutededico.com.br a partir da perspectiva da memória, da escrita de si e das práticas de leitura. Com autores como Bergson (1999), Halbwachs (2006) e Bosi (1994), investigamos alguns conceitos relativos à memória e ao tempo para analisar como as dedicatórias presentes em um blog na internet são memórias coletivas e demarcam afeto no território do tempo - no passado em que foram escritas e no presente daqueles que as acessam e leem. Também percorremos um caminho teórico a partir de autores como Michel Foucault (2010), Carlos Skliar (2014), Chartier (1996) e Genette (2009), na tentativa de entender como nos inscrevemos em nossos escritos. Junto a esses autores pensamos também sobre o modo como nos apropriamos das leituras que fazemos, seja de um texto em sua materialidade, ou de dedicatórias publicadas na internet. A partir da análise de oito dedicatórias publicadas no blog eutededico.com.br, notamos a potência que a imagem dessas dedicatórias e suas histórias têm de sensibilizar terceiros leitores e de evocar memórias. Através da leitura das dedicatórias do *Eu te dedico* se torna evidente como essas publicações se aproximam do que Foucault (2010) chama de *artes de si mesmo*.

PALAVRAS-CHAVE: memória; tempo; escrita de si; dedicatórias, blog; eu te dedico

ABSTRACT

Based on the perspective of memory, *escrita de si* and reading practices, this paper aims to explore the personal inscriptions/dedications shared on the blog eutededico.com.br. Through the reading of authors such as Bergson (1999), Halbwachs (2006) and Bosi (1994), we investigated concepts related to memory and time in order to analyse how these inscriptions from a blog on the Internet are collective memories and denote endearment through the passage of time; from the past in which they were written to the present; for those who access them and read them. We have also utilised authors like Michel Foucault (2009), Carlos Skliar (2014), Chartier (1996) and Genette (2009), in an attempt to understand the way we write in our own selves in our writing. Along with these authors, we also think about how appropriate it is to read the things we read, be it a material text, or published dedications on the internet. Through analysing eight dedications published in the blog eutededico.com.br, we note the power that the image of these dedications and the stories behind them have to emotionally touch third-hand readers and to evoke memories. Through reading the inscriptions of *Eu te dedico*, it becomes evident how these publications typify what Foucault (2009) calls the *escrita de si*.

KEY-WORDS: memory; time; *escrita de si*; inscriptions/dedications, blog; *eu te dedico*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mariana Gonçalves Guglielmelli, criadora do projeto <i>Eu te dedico</i>	30
Figura 2- Página inicial do blog <i>Eu te dedico</i>	31
Figura 3- Compartilhamentos das publicações do <i>Eu te dedico</i> por usuários do Tumblr.....	32
Figura 4- Exemplo de arquivos de imagens no blog <i>Eu te dedico</i>	32
Figura 5- Dedicatória publicada no blog <i>Eu te dedico</i> no dia 4 de abril de 2014.....	33
Figura 6 - Dedicatória publicada no blog <i>Eu te dedico</i> no dia 17 de dezembro de 2014.....	35
Figura 7 - Comentários de leitores na página do <i>Eu te dedico</i> no facebook.....	37
Figura 8– Dedicatória publicada no blog <i>Eu te dedico</i> no dia 25 de setembro de 2017.....	39
Figura 9 – Dedicatória publicada no <i>Eu te dedico</i> dia 9 de outubro de 2017.....	43
Figura 10 - Dedicatória publicada no <i>Eu te dedico</i> no dia 1 de setembro de 2014.....	46
Figura 11 – Dedicatória publicada no <i>Eu te dedico</i> no dia 18 de março de 2016.....	49
Figura 12 – Dedicatória publicada no <i>Eu te dedico</i> no dia 18 de novembro de 2016.....	51
Figura 13 - Dedicatória publicada no <i>Eu te dedico</i> no dia 30 de junho de 2017.....	53
Figura 14- Dedicatória publicada no blog <i>Eu te dedico</i> no dia 16 de janeiro de 2017.....	56

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. COMPARTILHAR MEMÓRIAS	13
2.1 Memórias que tocam o presente	15
2.2 Tempo de dedicar.....	17
3. DESENROLAR DE SI.....	19
3.1 Ler, escrever e apropriar-se.....	21
3.2 Escreve-se para alguém	24
3.3 Rabiscos à caneta	26
4. <i>EU TE DEDICO</i>	29
5. FRAGMENTOS DE AFETO	39
5.1 Um amor que só houve em mim	40
5.2 Cálido amigo.....	43
5.3 Desejo que as memórias sigam o sentido oposto do rio	46
5.4 Como conversar com um fascista?	49
5.5 Te conheci	52
5.6 Não estou em sintonia com papel que me atribuíram	54
5.7 Tratar da morte nunca será fácil.....	56
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
APÊNDICE A	62

1. INTRODUÇÃO

Por muitos meses o livro *Cem anos de solidão* de Gabriel García Márquez ficou cheio de pó em cima da prateleira da sala do apartamento onde moro. Algumas vezes eu o fitava de longe, pegava nas mãos, mas não o abria. Em um descaso tremendo, não me prestava a retirar os pontos de poeira que se acumulavam em cima da capa verde azulada. O livro foi um presente que ganhei no ano de 2013, na data do meu aniversário. O livro precedia uma viagem à Colômbia e eu estava prestes a colocar a mochila nas costas para conhecer todo o realismo mágico que o país de origem de Gabriel García Márquez poderia me proporcionar. Reabri o livro esse ano, quando entrei em contato com o tema da memória através de autores como Bergson (1999), Halbwachs (2006) e Bosi (1994). Os dias ao lado de uma temática tão potente fizeram com que eu desse novos lugares às minhas próprias lembranças. Peguei o livro nas mãos, reli a dedicatória, refiz alguns percursos do passado quando olhei para aquele fragmento de texto tão pequeno. No entanto, mais do que voltar os olhos ao passado ao reler a dedicatória no livro *Cem anos de solidão*, pensei, incessantemente, sobre o meu presente. Ao passado, agradei pelas experiências e iniciei, então, esse trabalho que tem como um primeiro viés, o tema da memória.

Ao entrar em contato com as leituras sobre o tema da memória aos olhos de Bergson (1999) e Halbwachs (2006) algumas questões se tornaram emergentes para mim. Por que nossas memórias são coletivas? Será que podemos resgatar nossas memórias a partir de um objeto que não nos pertence? Somos capazes de reproduzir uma memória? Ao longo deste trabalho, não tenho a finalidade de encontrar ou dar ao leitor respostas concretas para as perguntas que lanço em meus escritos, mas propor algumas reflexões que surgiram e que pareciam significativas quando comecei a pensar sobre o tema da memória entrelaçado ao que perpassa todo o trabalho: as dedicatórias. Junto ao tema da memória, algumas questões sobre o *tempo* também se mostraram cruciais. Quais as noções de tempo que guiam nossas ações? Existe um tempo específico para as dedicatórias? Quando nossos escritos ganham vida? Neste trabalho, também busco ensaiar algumas observações sobre o *tempo* junto aos conceitos desenvolvidos por Bergson (1999) e Halbwachs (2006). Não há como fugir da temática do tempo quando falamos sobre dedicatórias.

No segundo capítulo, algumas memórias minhas escritas em itálico se misturam aos conceitos destes autores. *Isso não é ciência*, dirão alguns. No entanto, pergunto a mim e ao leitor, o que é a escrita se não há vida pulsando junto? O grande questionamento ao longo dos estudos para a produção deste trabalho foi de que maneira eu poderia escrever com prazer, quando me deparei com o fato de que algumas lógicas de produção de conhecimento reforçam a nossa própria ausência. Como escrever se nos dizem que é preciso se ausentar daquilo que produzimos? A noção de imparcialidade ainda ecoa pelos corredores. Talvez uma certa negação da escrita acadêmica nos ambientes universitários se dê justamente pelo leque muito específico e enxuto de modelos que nos oferecem para que nossa escrita possa aparecer diante do olhar do outro.

No desafio alucinante de encontrar brechas em que a escrita possa fluir, no segundo momento do trabalho encontraremos em autores, como Foucault (2010), Skliar (2014) e Chartier (1996), algum conforto inquietante. Trago a palavra conforto porque os conceitos apresentados por esses autores nos oferecem algo muito único: um pouco de confiança na potência do olhar. A inquietação surge, pois a prática da escrita não se encerra em sua técnica. Escrever é muito mais solitário quando optamos por não nos ausentarmos de nossos escritos. Escrever de alma presente é rasgar-se. O apelo da escrita não surge exclusivamente da leitura exaustiva de livros e conceitos. A escrita pode surgir a partir do olhar que se lança para dentro de si, ou até mesmo pelo fato de nos colocarmos como observadores da vida que passa, todos os dias, diante dos nossos olhos. Na companhia desses autores busco traçar algumas palavras sobre o modo como nos inscrevemos em um texto, de que maneira nos mostramos ao outro quando escrevemos e também pensar sobre as nossas práticas de leitura- tanto dos livros quanto do mundo.

No segundo momento em que busco desenvolver alguns conceitos sobre escrita, leitura e interpretação também me utilizo de Genette (2009) para explorar alguns conceitos sobre um paratexto editorial específico: a dedicatória. As dedicatórias que apresento ao longo do trabalho são, em sua maioria, escritas à caneta pelas mais diferentes mãos e destinadas para pessoas que provavelmente não conhecemos. No entanto, não podemos tocá-las. As dedicatórias presentes nesse trabalho são fragmentos de afeto disponíveis em uma estante virtual de memórias, o projeto *Eu te dedico*.

Em 2015, tive a oportunidade de fazer a disciplina de Jornalismo Cultural ministrada pela professora Cassilda Golin. Lembro claramente que a professora Cida nos enviou uma reportagem publicada no site do jornal *O Globo* intitulada 'P.S. Eu te amo'. A matéria foi

escrita pela jornalista Mariana Filgueiras e traz histórias emocionantes de dedicatórias e cartas encontradas em livros nos sebos do Rio de Janeiro. O encantamento com a reportagem e as histórias afetivas que li na matéria de Mariana Filgueiras em 2015 fizeram com que, este ano, o impulso pelo tema das dedicatórias me levasse à realização da pesquisa para este trabalho.

Ao consultar trabalhos acadêmicos na internet sobre a temática das dedicatórias, um escasso material foi encontrado. No entanto, o que realmente me inquietava era de que forma eu poderia realizar a pesquisa e escrever se não houvesse algo que realmente impulsionasse a escrita. Eu precisava de histórias, de pessoas e de afeto para começar a escrever. Foi então que, em uma das reuniões de orientação desta monografia, a Anna Cavalcanti, coorientadora deste trabalho, me apresentou o blog *Eu te dedico*.

Ao ler e pesquisar sobre memória, se tornou evidente como essas imagens, histórias e dedicatórias do blog *Eu te dedico* realmente demarcam afeto no território do tempo. Por mais que estejam disponíveis em um blog na internet a que podemos acessar a qualquer instante, a carga afetiva desses escritos comove os terceiros leitores que passam pelo blog, ou pelas outras redes sociais em que o projeto também está inserido. Nos identificamos nessas histórias, ou as renegamos, elas nos causam um impacto inegável.

A palavra afeto abrange variadas definições. No entanto, para além das definições da palavra, me parece que entendemos o que é afeto através da experiência. Quando dedicamos algo a alguém: um livro, uma canção, uma fotografia, está sempre implicado uma relação de troca. Neste trabalho, recorro as práticas de si estudadas por Michel Foucault (2010), como as cartas escritas por Sêneca, para demonstrar como o exercício de dizer-a-verdade sobre si mesmo e o cuidado de si estão relacionados ao cuidado do outro.

Diante da escolha de oito dedicatórias do projeto *Eu te dedico*, vamos percorrer o tema da memória na busca de compreender como essas dedicatórias demarcam afeto no território do tempo e evocam memórias. Junto a Foucault (2010), vamos percorrer um caminho em relação à escrita de si e mostrar que as dedicatórias são manuscritos dotados de histórias incomparáveis, são textos em que nos inscrevemos e nos colocamos, sempre, diante do olhar do outro.

2. COMPARTILHAR MEMÓRIAS

Revirava uma caixa de livros que estava fechada há mais de um ano. Um papel bem pequeno e amassado se destaca entre páginas e poeiras: “Sempre que falo contigo, tu sorri. Sempre tua, Vó Deca”.

Mesmo que houvesse nas linhas do papel algum tipo de prova de que costumava sorrir ao ouvir as palavras de Vó Deca, nas entrelinhas da memória não encontrava vestígio algum. Começou a questionar-se com que frequência vinha sorrindo nos últimos tempos. Era como se a memória suscitada por outro provocasse o presente.

Precisamos que nos contem uma história, façam emergir fragmentos do passado, para que seja possível validar nossas lembranças. Conseguimos encontrar nos diferentes depoimentos, na fala do outro, as peças do mosaico que faltam para remontar à cena que já não se faz tão clara. Me junto ao pensamento do sociólogo Halbwachs (2006) e questiono se podemos chamar de lembrança algumas histórias que nos contam, mas que nossa memória não consegue alcançar.

Halbwachs (2006, p.29) diz que “recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós”. Quando nos descrevem uma cena da qual nos esforçamos para relembrar e mesmo assim não conseguimos acessá-la, não podemos classificá-la como uma lembrança. No entanto, por mais que não possamos defini-la como tal, conseguimos, de certo modo, visualizar alguns fragmentos da cena descrita e sentimos que estávamos lá, fazíamos parte daquele grupo e daquele momento (HALBWACHS, 2006).

Nossas memórias são coletivas, mas isso não sugere que a presença física de alguém ao nos descrever as cenas do passado seja necessária para que nossas memórias sejam coletivas (HALBWACHS, 2006). Podemos lembrar de alguém através de um objeto que nos desperta os mais distintos sentimentos. Essa pessoa não precisa estar necessariamente de corpo presente para que possamos lembrar das trocas que tivemos e dos sentimentos que esse alguém nos desperta. Nos constituímos pelas relações com o outro, somos lapidados pelas ideias que pulsam no desenrolar dos diálogos, nos gestos de afeto. Essas trocas que contam

quem somos são, por si só, memórias coletivas. Memórias produzidas na presença de um outro. Passar a vida dentro de uma redoma, sem contato social algum, seria deixar o livro de nossas vidas em branco, pois precisamos do outro para lembrar. Quando somos presenteados com um livro de que gostamos e anos depois acessamos este livro, mesmo que não tenhamos mais contato com quem nos presentou, lembraremos da pessoa, ou ao menos do gesto de nos presentear com algo, pois o livro passou a nos pertencer pela troca de afeto daquele momento. Nesse caso, junto ao pensamento de Halbwachs (2006), percebemos que nossas memórias são sempre coletivas, pois emergem sempre da presença, física ou simbólica, de um outro.

Nos esforçamos a relembrar situações e pessoas que parecem tão óbvios à memória de quem nos conta. Segundo Halbwachs (2006, p.34), mesmo que um grupo de pessoas ainda exista de forma material, a perda de contato com este grupo ao longo do tempo faz com que tenhamos dificuldade em reconstruir sua imagem. Como em um encontro com um amigo de infância. Depois de muitos anos, talvez ao conversarmos sobre algumas histórias de nosso passado em comum, algumas das cenas descritas por ele talvez não se façam claras. A distância talvez tenha provocado o esquecimento. Para Halbwachs (2006), a duração da memória, nesses casos, é limitada à duração de um grupo, à duração dos acontecimentos.

A dedicatória em um livro pode ser um desses gatilhos em que se torna possível resgatar algumas memórias, pode nos ajudar a reconstituir uma imagem. Quando nos presentiam com um livro e acessamos, depois de muitos anos, as palavras escritas em uma dedicatória, essas palavras acionam a lembrança daquele momento de troca. A dedicatória traz de volta ao destinatário as imagens de um dado momento passado. Mesmo que esse alguém que nos presenteou não faça mais parte de nossas vidas, recordaremos de termos sido presenteados com um livro. Talvez a pessoa não exista mais de forma material, mas lembramos exatamente desse ato de troca, do carinho que perpassa as palavras na dedicatória. No entanto, abrir um livro ou ocupar determinado espaço não define que a partir de tais circunstâncias acionaremos determinadas memórias. É preciso que o instante toque nossa alma e tome corpo (HALBWACHS, 2006).

Dentre tantos livros na estante, existe um que prefiro não abrir. Sei que há linhas de um carinho que prefiro não lembrar. Qualquer um poderia abri-lo. Se feito por mim, seria reviver a dor e a beleza das palavras.

Halbwachs (2006, p.50) diz que podemos estar em determinado local, mas nosso pensamento pode flutuar por outros locais. Nosso pensamento não está no momento presente. A partir disso, quando evocamos as lembranças de determinada ocasião, nossa impressão daquele momento se desenvolve “[...] pelo que estava no centro da nossa vida afetiva ou intelectual” (HALBWACHS, 2006, p.50). Essas impressões constituem algo somente nosso, pois ninguém que nos acompanhava naquele momento compartilhava de tais pensamentos.

As memórias não surgem como resultado de nossas vontades, é preciso que haja um contexto capaz de suscitar as lembranças. Halbwachs (2006, p.53) diz que “nem sempre encontramos as lembranças que procuramos porque temos de esperar que as circunstâncias, sobre as quais nossa vontade não tem muita influência, as despertem e as representem pra nós”. A circunstância de que Halbwachs (2006) fala pode ser o contato com um objeto afetivo, como um livro. Podemos, junto a uma infinidade de pessoas, abrir o mesmo exemplar de um livro, ler a mesma dedicatória, e produzir sentidos distintos a partir daquela leitura. Quando somos presenteados com um livro, teremos a capacidade de abri-lo com o passar dos anos e reconfigurar uma lembrança a partir de uma dedicatória que nos foi destinada. No entanto, terceiros leitores do mesmo exemplar serão tocados das maneiras mais distintas. Terceiros leitores podem, a partir de um objeto até então desconhecido, resgatar histórias de suas vidas ou pensar o próprio presente a partir delas.

2.1 Memórias que tocam o presente

Minha mãe guarda em uma caixa bem pequena uma mecha de cabelo de quando eu era criança. Meus cabelos continuam crescendo e de tempos em tempos estão dispostos em suas mãos para que ela acaricie os fios ou teça algum comentário sobre o estado frágil em que eles se encontram. Mas guardar aquela mecha ainda muito crua, que quase não tinha sido exposta ao vento, aos raios de sol e à poeira das ruas é garantir que um pedaço de mim vai estar sempre com ela, não importa onde eu esteja.

Gavetas cheias de papéis e quinquilharias de que recusamos a nos desfazer. A resistência em abandonar determinados objetos que vamos acumulando ao longo da vida talvez se dê pelo medo de perder alguns elementos que nos recontam nossa própria história.

Mudamos de cidade, desconstruímos algumas certezas, passamos por todo o ciclo das estações do ano. Sentimos a necessidade de mudança e, a partir de tal sentimento, encerramos alguns ciclos para dar início a outros. No entanto, junto a Bosi (1994), penso que mesmo que todas essas mudanças ocorram em nossas vidas, há algo que não queremos que sofra grandes mudanças: desejamos manter os objetos que nos rodeiam intactos. Como constata Bosi (1994, p.441), “se a mobilidade e a contingência acompanham nosso viver e nossas sensações, há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto dos objetos que nos rodeiam”.

Desejamos que nossos objetos permaneçam intactos ao longo da vida pois os objetos que insistimos em manter ao nosso redor não existem apenas para ocupar determinados espaços ou exercer suas determinadas funções: eles configuram traços de nossa personalidade (BOSI, 1994). Segundo Bosi (1994, p.442), a timidez que sentimos ao entrar no quarto de outra pessoa ocorre porque temos a possibilidade de ter contato com objetos que configuram quem ela é. O movimento de acessarmos o outro através dos objetos ocorre quando visitamos a casa de um amigo recente e tentamos conhecer um pouco mais sobre ele, ao observar os livros que estão na estante, que cores compõem seu lar. Ao mesmo tempo que conhecemos um pouco do outro através dos objetos, podemos, de alguma forma, resgatar nossas próprias memórias através dos mesmos.

O resgate de acontecimentos da nossa própria vida pode ser ativado por objetos que tocamos, ambientes que frequentamos, histórias que ouvimos. Bergson (1999) define esse momento como reconhecimento de imagem ou sensação de *dejà vu*. O instante se desenvolve como uma sobreposição de imagens. A imagem de um objeto visto no momento presente evoca imagens de um momento passado e essas imagens se sobrepõem, como constata Halbwachs (2006, p.55), na espécie de um quadro. Ao entrarmos em contato com algum objeto, podemos fazer ligações com um dado momento passado. Em certos momentos, a leitura de uma carta, uma dedicatória, uma pequena mensagem de afeto trocada entre duas pessoas nos emociona tanto, que resgatamos memórias que são nossas a partir do relato de um outro.

No entanto, quais são as memórias que nos tocam no presente? Para Henri Bergson (1999) existem dois tipos de memória. Podemos definir como *memória-hábito* nossas práticas cotidianas e modos de socialização que são consequência de recorrências que se desenrolam desde o passado até o momento atual. “Graças à memória-hábito, sabemos ‘de cor’ os

movimentos que exigem, por exemplo, o comer segundo as regras de etiqueta, o escrever, o falar uma língua estrangeira [...]” (BOSI, 1994, p.49).

Por outro lado, há algo que nosso pensamento consegue evocar que não ocorre por repetição. Essa lembrança única, incapaz de ser recriada, chamamos de *imagem-lembrança*. Para Bosi (1994, p.48) a *imagem-lembrança* são como memórias independentes que “constituíam autênticas ressurreições do passado”.

Segundo Bosi (1994, p.49), as duas perspectivas propostas por Bergson são, no entanto, conflitantes. Nossas vidas foram inundadas por práticas corriqueiras, pelos hábitos da vida social de forma que não há espaço para o ressurgimento das imagens singulares que são a raiz da criação. É através dessas imagens singulares que a arte se desenvolve em suas diferentes formas. A poesia, a pintura, o sonho, a escrita, se alimentam de imagens únicas, que não podem ser reproduzidas de forma literal. Quando assistimos ao sol cair no fim de tarde e a imagem nos inunda os olhos, seremos incapazes de reproduzir essa imagem em forma de pintura ou qualquer outro tipo de representação pois, ao nos atravessar, essa imagem é ressignificada e representada a partir de um novo olhar.

As noções de tempo que nos são impostas, a ideia de um tempo baseado nos ponteiros do relógio, fizeram da *memória- hábito* práticas que ocupam quase todo o nosso dia. Guardamos as roupas no armário, escovamos os dentes, corremos para ir ao trabalho. Não há tempo. Muitas vezes, acabamos esquecendo daquilo que mais nos torna humanos dentro das obrigações cotidianas: enviar uma mensagem a um amigo, assistir a um filme, fazer uma fotografia, trocar afeto com quem se ama, dedicar algo a alguém.

2.2 Tempo de dedicar

Na canção *Oração ao tempo*, o compositor Caetano Veloso exclama que ainda acredita ser possível reunirmos “num outro nível de vínculo”. Será que precisamos nos vincular a uma ideia geral de tempo que guia nossas ações?

Para uma criança, o tempo talvez passe como um risco, breve. As noções sobre os ponteiros do relógio e a pressão das horas ainda não se tornaram conscientes. Talvez, por isso, o tempo é medido pelo que se passa no interior da criança, por suas vivências. Já o idoso vive um tempo que se arrasta. Uma vida já consciente dos ponteiros do relógio e não tão cheia de

acontecimentos faz com que os ponteiros do relógio se arrastem, se demorem no horário que estão (HALBWACHS, 2006).

O tempo calculado matematicamente, dividido em horas, minutos e segundos se enquadra no que Halbwachs (2006, p.71) denomina de *tempo matemático*. Necessitamos dessa ordem de um tempo matemático, pois através dela conseguimos organizar a vida social, planejar tarefas e hábitos cotidianos. Talvez a inexistência de um tempo matemático nos dificultasse a vida em sociedade. É preciso uma noção “geral” de tempo para que as ações cotidianas tomem sentido.

Ao contrário de um tempo medido pelo passar das horas e dos dias, podemos falar de um tempo que não se guia pelos ponteiros do relógio, como o tempo de uma criança. Essa noção temporal se aproxima do que Bergson (1999) define como *tempo real*. O *tempo vivido* ou *tempo real* é aquele que não pode ser calculado, nem mesmo pode ser medido pela sucessão de acontecimentos. Um tempo que parece estar mais relacionado à qualidade do que a quantidade de nossas experiências.

Nesse sentido, os escritos que dedicamos a um outro ou os que nos dedicam, se configuram como uma *imagem-lembrança*. As dedicatórias, assim como a carta, são escritos cristalizados no tempo. Não temos a capacidade de recriar os afetos e as palavras que colocamos em uma dedicatória. São criações únicas, incapazes de serem reproduzidas. O ato de criar ao escrevermos para alguém faz com que nossas palavras se enquadrem em um tempo irreversível, esse tempo que Bergson (1999) chama de *tempo vivido*. Embora os escritos que recebemos e dedicamos ao outro estejam cristalizados no tempo, que tempo é esse em que a escrita e a leitura vão se desenvolver?

Talvez os escritos possam desaparecer no espaço, seja pela perda dos manuscritos que fizemos ou trocamos no passado, ou pelo esquecimento dos livros que ganhamos, ou porque decidimos não voltar mais à leitura daquilo que escrevemos outrora. No entanto, será o leitor que sustentará nossa escrita. Através da leitura, nossos escritos ganham lugar. Mesmo que permaneçam por muitos anos sem leitura alguma, será no presente que a escrita ganhará vida através da nossa própria leitura ou da leitura de um outro (SKLIAR, 2014).

Segundo Skliar (2014, p.122), “os argumentos que englobam o futuro do ler e escrever desvaneceram ou já não existem”. Pensar a leitura e escrita como práticas que nos farão melhores como seres humanos é uma noção que não cabe mais em nenhum discurso. Relemos a dedicatória de um livro que esquecemos na estante, ou lemos dedicatórias em livros que não

nos pertencem, por mais que esses escritos façam parte de um tempo que já passou, será a sua leitura no tempo presente que dará vida a essas palavras. Ao dar vida a essas palavras através da leitura, também desenrolamos nossas próprias vidas.

3. DESENROLAR DE SI

Que é que eu posso escrever? Como recomeçar a anotar frases? A palavra é o meu meio de comunicação. Eu só poderia amá-la. Eu jogo com elas como se lançam dados: acaso e fatalidade. A palavra é tão forte que atravessa a barreira do som. Cada palavra é uma ideia. Cada palavra materializa o espírito. Quanto mais palavras eu conheço, mais sou capaz de pensar o meu sentimento (LISPECTOR, 2016).

Anotamos epifanias e sentimentos latentes em pequenos pedaços de papéis que estão ao nosso alcance. No século XXI, o bloco de notas do celular talvez tenha ocupado a função dos papezinhos que nem sempre estão à mão. Anotamos palavras em nosso próprio corpo, em um traço efêmero feito à caneta, que garante o não esquecimento do instante ou em forma de um traço mais profundo, que rasga a carne, marcado para a eternidade.

Mas para que servem esses espaços no tempo em que escrevemos? Podemos utilizar a escrita para “atenuar os perigos da solidão” (FOUCAULT, 2010, p.145). O ato de nos colocarmos a serviço da escrita surge com um movimento duplo: ao passo que a escrita exerce os movimentos da alma, ela também se dá ao constrangimento de que nossos movimentos já não são somente de nosso conhecimento, foram jogados ao mundo, se tornaram públicos. (FOUCAULT, 2010). Desenrolamos nossas próprias vidas quando escrevemos, mas nossos escritos se tornam infinitas possibilidades quando os lançamos diante do olhar do outro.

No ano de 1983, Michel Foucault desenvolve seus estudos sobre “uma estética da existência e o domínio de si e dos outros na cultura greco-romana, nos dois primeiros séculos do império” (FOUCAULT, p.144, 2010). Foucault (2010, p.145) nos mostra “a função da escrita na cultura filosófica de si precisamente antes do cristianismo: sua estreita ligação com corporação de companheiros, seu grau de aplicação aos movimentos do pensamento, seu papel de prova da verdade”. Observamos, então, um jogo de práticas de si na cultura antiga e que podemos observar através de Sêneca, Plínio, Marco Aurélio, entre outros. Estas práticas estão relacionadas ao cuidado de si e implicam o dizer-a-verdade sobre si mesmo (FOUCAULT, 2011). No entanto, como esclarece Foucault (2011, p.6), “o dizer-a-verdade

sobre si mesmo, e isso na cultura antiga (logo bem antes do cristianismo), foi uma atividade conjunta, uma atividade com os outros, e mais precisamente uma atividade com o outro, uma prática a dois”. No entanto, Foucault (2011, p.7) diz que “o estatuto desse outro é variável, portanto”. Esse outro pode ser um amigo, um amante, um professor. Neste trabalho, trago duas práticas de si da cultura antiga relacionadas a escrita e estudadas pelo filósofo Michel Foucault (2010): os *hupomnêmata* e a correspondência.

Nossas anotações feitas em cadernos ou pedaços de papel se aproximam daquilo que Foucault (2010, p.147) define como *hupomnêmata*. Os *hupomnêmata* eram “a memória material das coisas lidas”. Pensamentos e reflexões em relação ao que se observou e vivenciou eram anotadas para que se pudesse retornar a esses escritos posteriormente de forma meditativa (FOUCAULT, 2010). Não se pode dizer que esses escritos tinham como finalidade um apoio à nossa memória, que precisa de marcas materiais para lembrar seus percursos, mas sim um local para o exercício de conversar consigo mesmo, reler, meditar (FOUCAULT, 2010).

Assim como Foucault (2010) estabelece que os *hupomnêmata* não serviam de suporte para a memória, tampouco serviam como diário. O diário é utilizado como um espaço para dizer aquilo que a boca não consegue proferir para os outros e para si mesmo. No entanto, os *hupomnêmata* não eram utilizados como um instrumento para dizer o não dito, como algo que se insere em uma lógica cristã em que determinadas coisas não podem ser confessadas, e sim, compreender a si mesmo através da releitura daquilo que se captou (FOUCAULT, 2010).

Buscar a verdade sobre si mesmo se torna um processo que se desenvolve com a escrita. No livro *A coragem da verdade*, Michel Foucault (2011) enumera algumas práticas da cultura greco-romana em que o exercício de dizer a verdade sobre si mesmo se realizava. Os *hupomnêmatam* era um deles. Para além de um suporte de anotações das leituras feitas ou das coisas vividas, ali se materializavam os sonhos (FOUCAULT, 2011, p.5). Era a possibilidade de contar e recontar para si, com toda a franqueza que há longe das verdades institucionalizadas, aquilo que se quer.

Foucault (2010, p.149) também nos provoca a pensar sobre nossa capacidade de se colocar nas palavras quando questiona: “Como se confrontar consigo por meio da ajuda de discursos imemoriais recebidos de todo lado?”. Quando lemos um livro, ou um fragmento de texto, é importante que façamos dessa leitura algo inteiramente nosso. Que a leitura tenha o potencial de desenrolar nossos processos criativos e fazer da escrita algo novo, que possui

uma marca única. Foucault (2010, p.152) utiliza a metáfora da escrita como a “essência de um corpo”. Um corpo que não é doutrinado e digere aquilo que lê e ouve, transformando a experiência da escrita em um processo de constituição de si.

Ao evocar os pensamentos de Sêneca, advogado e escritor do Império Romano, Foucault (2010) nos mostra que o exercício da leitura e da escrita nunca estão separados. Não há como escrever sem referências externas que nos inspirem, não temos a capacidade de retirar elementos somente do nosso interior. É preciso fazer tanto da leitura quanto da escrita processos que caminham juntos e dentro das brechas que a leitura proporciona, exercer a prática de anotar para si as reflexões que a leitura nos evoca. Ao sermos confrontados com as mais distintas leituras, nosso pensamento pode se dissipar entre temáticas variadas. As leituras mais antigas podem ser esquecidas. É preciso anotar nossos pensamentos sobre aquilo que lemos, dos livros e dos outros, para que não esqueçamos de nós mesmos (FOUCAULT, 2010).

3.1 Ler, escrever e apropriar-se

Unamo-nos cordialmente aos pensamentos do outro e saibamos fazê-los nossos, visando a unificar cem elementos diversos tal como a adição faz, de números isolados, um número único (FOUCAULT, 2010, p.152).

Há uma gama de livros físicos que nos salta aos olhos por suas capas diversas, com distintas cores e texturas. Em paralelo à tradição de leitura através de livros impressos, cresce, exponencialmente, a quantidade dos mais variados textos e obras disponíveis para a leitura diante de uma tela. Mas que tipo de facilidades o acesso à leitura diante de uma tela realmente nos trouxe?

Junto a Skliar (2014, p.126) penso que precisamos ser honestos no modo como nos relacionamos com a escrita e leitura nos tempos atuais. E não omitirmos o modo como se desenvolvem a leitura e a escrita é reconhecer que nossas leituras têm sido, cada vez mais, escassas e digitais. Talvez pelas demandas do tempo cronológico, os prazos que se fazem necessários para o desenvolvimento de nossos escritos nos devorem nossas possibilidades criativas. A busca pela leitura em espaços físicos em que seja possível o contato com livros impressos tem diminuído, sinais de um tempo em que a velocidade dos pensamentos e das ações são pré-requisitos para se viver e onde o passado tem, cada vez mais, perdido seu significado (SKLIAR, 2014).

Para além da quantidade de livros impressos que obtemos ao longo da vida, a questão de maior importância é de que forma nos apropriamos das leituras que fazemos. Foucault (2010, p.152) diz que “assim como a escrita pode se esgotar, a leitura pode dispersar”. Talvez a leitura excessiva, fruto de uma era onde a informação se dissipa entre as mais distintas plataformas, não nos permita uma assimilação adequada dos pensamentos ali propostos. Foucault (2010, p.150) dirá que a escrita é um exercício de assimilação a partir daquilo que lemos atentos, um modo de nos inscrever em um texto a partir daquilo que absorvemos da leitura, uma “maneira de recolher a leitura feita e de se recolher nela”.

Como vimos no item anterior, produzir sentidos através do que se lê é algo que se instaura através dos *hupomnêmata*. Ali será possível anotar as assimilações da leitura e será um modo de retornarmos ao passado, mas não para revivê-lo e sim como um lugar em que é possível retornar e se afastar na busca da constituição de nós mesmos (FOUCAULT, 2009). No entanto, uma leitura demasiada e desatenta se opõe às cadernetas que tomamos notas para nós mesmos e se aproxima do que Foucault (2010) denomina de *Stultitia*. Para Foucault (2010, p.50), a *Stultitia* seria um “defeito possivelmente favorecido pela leitura interminável”. Uma leitura inesgotável que inquieta a mente, oscila nossas opiniões e nos traz ansiedade em relação ao futuro- um tempo que ainda não existe.

Tanto a escrita quanto a leitura operam a partir de uma prática criadora, pois a leitura de um livro não é apenas o decifrar de códigos de linguagem ali inseridos. Atribuímos novo sentido ao que se lê a partir da experiência, do que há para além do texto. Produzimos sentido tanto pela palavra escrita que deciframos quanto pela buzina dos carros que ecoam na lucidez. Para Chartier (1996, p.78), é preciso fazer da leitura um exercício criativo:

Antes de mais nada, dar à leitura o estatuto de uma prática criadora, inventiva, produtora e não anulá-la no texto lido, como se o sentido desejado por seu autor devesse inscrever-se no espírito de seus leitores, com toda imediatez e transparência, sem resistência nem desvio no espírito de seus leitores.

A partir dessa prática de leitura como um exercício criativo que Chartier (1996) nos provoca a pensar, devemos também refletir sobre o exercício da leitura não só no que tange à leitura de livros, mas no modo como lemos o mundo. Junto a Skliar (2014) penso que devemos caminhar nas ruas como leitores, que enxergam, no caminhar de outras pessoas, nas cores dos azulejos dos prédios, a beleza de uma narrativa que ainda não se tornou escrita.

Devemos, em um ator reservado, não tentar capturar as intimidades alheias de modo com que ignoramos a singularidade de suas histórias, mas caminharmos como observadores e amantes dos pequenos gestos de vida que pulsam pela cidade (SKLIAR, 2014). Devemos procurar não só nos livros, mas também nos pequenos instantes de vida, aquilo que nos move a escrever.

Há sempre uma intenção por parte de quem escreve. Chartier (1996, pg.95) diz que precisamos considerar as pistas que o autor insere em seu texto para que nos conduza às suas intenções narrativas. No entanto, a obra não se reduz às intenções de seu autor. O romance *Dom Casmurro*, lançado em 1899 por Machado de Assis apresenta um clássico dilema narrativo. Nos indagamos, ao ler a obra, se de fato houve uma traição por parte da personagem Capitu em seu relacionamento com o personagem Bentinho. O autor não concretiza nenhum fato sobre ter ocorrido alguma traição em sua narrativa, ele dá pistas e deixa que a imaginação de seus leitores decida o desfecho da obra. Assim como o próprio autor pode abrir margens para que seus leitores produzam sentido através do que se lê, outros elementos podem funcionar como fundamentais para um novo olhar em relação a obras literárias. No entanto, Chartier (1996, pg.78) diz que os protocolos que nos levam a apreender a leitura de formas distintas se estendem também ao papel do impressor, pois a escolha da tipografia também abre margens para os mais diferentes olhares sobre um mesmo texto. A escolha da tipografia utilizada em um livro impresso, o modo como nossa letra se inscreve no papel quando escrevemos à mão ou como distribuimos palavras em uma folha de papel também direcionam, a caminhos infundáveis, o olhar daqueles que nos leem.

A dedicatória em um livro também está inserida como um desses protocolos. Podemos ter acesso à mesma obra, porém de exemplares distintos. A existência de uma dedicatória pode nos conduzir a um novo olhar sobre a narrativa. Ao lermos um exemplar de *Dom Casmurro* é possível que nossas experiências nos direcionem a um desfecho que, dentro de nosso próprio contexto de vivências, faça sentido. Assim como a leitura de um outro exemplar da mesma obra, ao apresentar fragmentos de histórias que até então não conhecíamos, como dedicatórias ou cartas desconhecidas, pode guiar o nosso olhar a outra direção.

Nosso corpo é um corpo social. Nos constituímos e refazemos pelas interações sociais e pelas memórias que carregamos. Somos também um corpo que se cansa, sente sede, fome e se inquieta. Um corpo que, enquanto lê, sente sono e câimbras. Um corpo que suspira. Por isso, para Goulemot (1996, p.109), há uma “instituição do corpo que lê”. Goulemot (1996, p.109) afirma que nosso corpo não lê somente através daquilo que nossos olhos conseguem

decifrar, “uma vez que há uma invasão do sentido por parte da consciência que provocou a doença, a saúde ou a morte”.

A escrita, assim como a leitura, também precisa ser pensada como um processo que existe na presença de um corpo. É preciso pensar a escrita não como algo que está a par daquilo que experimentamos enquanto corpo, mas como algo móvel. Este movimento é conduzido tanto pelos desejos e anseios que experimentamos enquanto pessoas de carne e osso quanto pela vontade que se instaura no gesto da escrita. Assim como um corpo que dança pelo prazer que a melodia proporciona, o gesto da escrita se dá pelo prazer que as experiências com o corpo nos proporcionam, pelo recolhimento às mais distintas leituras. Devemos, a partir desse gesto pensado como a metáfora de um corpo que se move através do desejo, fazer da escrita algo transmissível, que pode tocar o outro, provocá-lo (SKLIAR, 2014).

O mesmo corpo que se desdobra em leitura e escrita também precisa de um outro. Precisamos da escrita para elaborar nossos próprios pensamentos, talvez atenuar nossa solidão, mas escrevemos para que sejamos lidos por um outro, para dizer algo a alguém, mesmo que não saibamos quem seja esse alguém (SKLIAR, 2014).

3.2 Escreve-se para alguém

Sem dúvidas, escrevemos, em primeiro lugar, para nós, para esclarecermos, para tratar de elaborar o sentido ou o sem sentido daquilo que nos acontece. Mas é preciso escrever também para compartilhar, para dizer alguma a alguém, mesmo sem conhecê-lo, ainda que talvez nunca nos leia. (LARROSA apud SKLIAR, 2014, p.102)

Em um primeiro momento, talvez deveríamos esquecer da presença de um outro e fazer com que nossa escrita flua sem a vergonha de ser lido, do desagrado ou prazer que o nosso gesto da escrita provoca no outro. Em paralelo ao esquecimento é preciso lembrar. Lembrar que, além da tentativa de exprimir aquilo que nos dissolve, enlaça ou move, escreve-se também para o outro. Um modo de compartilhar com alguém as próprias tentativas de dar sentido, através da escrita, àquilo que ainda não compreendemos, de expressar o que a boca hesita em proferir. E que dentro das possibilidades que um texto oferece, seja ao descrever situações, criar personagens e histórias, essa criação emerge de um outro: “E não é demais dizer que se

escreve não para alguma coisa, mas para alguém, não em nome de alguma coisa, mas em nome de alguém. E que nesse alguém há uma mescla de presença com nome próprio e ausência, talvez, sem nome algum” (SKLIAR, 2014, p.101). Esse alguém, possivelmente, não precise de um nome porque mais do que a presença de um outro em sua materialidade, talvez seja a consciência de que seremos lidos que nos impulse a escrever.

Através de uma pesquisa das cartas de Sêneca na cultura antiga, Foucault nos ajuda a pensar sobre a correspondência nos tempos atuais. Quando escrevemos uma carta para um destinatário, percorremos um caminho duplo. As cartas que enviamos possibilitam que, através de uma releitura do que escrevemos ao outro, possamos elaborar melhor nossas próprias questões, nossos próprios pensamentos (FOUCAULT, 2010). Ao mesmo tempo, o exercício de implantarmos nossas emoções e vivências em uma carta atua diretamente em quem a recebe. As correspondências podem ajudar o destinatário através da palavra amiga, que busca aconselhar e mostrar caminhos possíveis para que as coisas melhorem. Estes conselhos também se desenvolvem de tal forma que é como se ao prestar conforto ao outro nos muníssemos das próprias palavras caso em algum momento de nossas vidas estivéssemos em situação semelhante (FOUCAULT, 2010).

As cartas que escrevemos também são um modo de narrar os acontecimentos de nossa vida cotidiana para alguém. No entanto, Foucault (2010, p.159) nos mostra que, quando narramos nossa vida através de uma correspondência, não estamos tentando dizer a outra pessoa o quão importante e únicos são os acontecimentos de nossas vidas e sim mostrarmos a qualidade que há no modo como levamos nossas vidas.

Junto a Foucault (2010), penso que podemos aconselhar um amigo, através da escrita, com palavras que o confortem para atravessar um período difícil relacionado à doença, ou a questões que envolvam algum tipo de sofrimento. Talvez esse amigo se depare pela primeira vez com questões que envolvam a morte. O mesmo conselho que tem a intenção de dizer ao outro para enxergar a morte como uma passagem e o sofrimento como um processo de aprendizado, faz com que possamos internalizar o mesmo. Ao aconselhar o outro, penso que aquilo que atravessamos tem seus porquês, embora não saibamos dar nome a todos eles.

Para Foucault (2010, p.156), as cartas que enviamos se aproximam dos *hupomnêmata*, pois, na medida que escrevemos para os outros, também “elaboramos nossa própria vida”. No entanto, a correspondência, não deve ser compreendida como apenas um prolongamento dos *hupomnêmata*, reduzida a um exercício de si através da escrita, pois a carta é mais do que

isso, ela torna o escritor presente. O *tornar-se presente* que Foucault (2010) nos apresenta não é necessariamente uma presença física. O ato de desenrolarmos nossas vidas e aconselhar o outro através de correspondências faz com estejamos inseridos de alguma maneira na vida de nossos destinatários no momento em que nossas mensagens são lidas.

Foucault (2010) também nos convida a pensar a correspondência como uma prática de exame da consciência. No momento em que refletimos sobre os acontecimentos de nossas vidas e no modo como vamos escrever esse *relato epistolar* para uma outra pessoa, já estamos examinando nossas consciências. Como coloca Foucault (2010, p.161), o que se reproduz em uma carta é o *livro imaginário da nossa memória*, tudo aquilo que passou em nossas mentes antes de se tornar palavra escrita destinada a um outro. A carta, então, será uma coincidência de olhares: o olhar daquele que nos lê e o nosso próprio olhar sobre nós mesmos.

Para reforçar o sentido duplo da correspondência, Foucault (2010, p.154) utiliza trechos reproduzidos por Sêneca e reitera que *quem ensina se instrui*. O conselho prestado em uma correspondência pode não só ensinar seu destinatário, como também instruir a si mesmo e outros leitores que a leiam. Aquilo que escrevemos em uma carta nunca será um exercício unilateral. À medida em que ajudamos o outro através de mensagens, cartas, correspondências, também fazemos com que esse destinatário possa sentir-se transformado com nossa ajuda. As mudanças que o outro nos provoca nos dá abertura para retribuir a ajuda e dessa forma, nos tornamos dispostos a tentar ajudar esse outro que nos é tão importante. Junto a Foucault (2010), penso que é desse movimento de troca em que os afetos se estabelecem através da amizade, de uma troca recíproca, em que as palavras do outro nos transforme de tal forma que nos sentimos impulsionados a retribuir o mesmo afeto.

As dedicatórias em livros também são manuscritos com características próximas a da correspondência. Quando endereçamos um livro a alguém através de uma dedicatória, podemos inserir desde uma breve mensagem de feliz aniversário até grandes confissões, agradecimentos, fragmentos de um afeto que existe fora do livro, mas que se estende através dele. A dedicatória diz tanto de quem a escreve quanto de quem a recebe. É produzida para um outro, mas no momento em que escolhemos dedicar algo a alguém, automaticamente nos colocamos nestes escritos.

3.3 Rabiscos à caneta

Entre inúmeras tipografias, traços à caneta se configuram pelo afeto. Dedicar um livro a alguém é dotar de novo significado uma obra que já tem suas próprias intenções com o

leitor. É dizer que, para além do que a narrativa da obra propõe, há algo nela que conversa com o outro.

Genette (2009, p.9) define paratexto como uma linha que cruza o que está fora e dentro do texto “[...] é aquilo por meio de que um texto se torna livro e propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público”. A dedicatória em um livro é uma dessas linhas que cruza o que está fora e dentro do texto, faz parte dos fragmentos textuais que compõem um livro. Porém, para além de suas definições editoriais, a dedicatória possui funções de ordem subjetiva às quais pretendo analisar: como, através de uma dedicatória, demarcamos o afeto no território do tempo, compartilhamos memórias e desenrolamos nossa próprias vidas a partir da escrita.

Podemos escrever uma dedicatória de forma breve, com uma pequena mensagem, quando damos um livro a alguém. No entanto, também podemos escrever mensagens mais extensas, que se aproximam do tom de uma carta. Genette (2009, p.110) dá o nome de *epístola dedicatória* a esses escritos que são mais prolongados, escritos em que algo sobre a relação entre duas pessoas se estabelece no texto.

Quando falamos em dedicatórias, podemos considerar dois tipos específicos. As dedicatórias de obras são aquelas em que o autor de um determinado livro deixa sua marca impressa em forma de agradecimento. Essas dedicatórias podem ser destinadas a pessoas que foram importantes no processo de produção de um livro. No entanto, para Genette (2009, p.111), muitas dessas dedicatórias também envolvem questões econômicas. Os agradecimentos ali presentes são fontes de renda do autor.

Cabe ressaltar que, ao falarmos de dedicatória neste trabalho, não se trata de um paratexto elaborado por escritores de livros. Nos dedicaremos, portanto, às dedicatórias de exemplares. Essas são criadas por coautores, pessoas distintas que possuem peças de um determinado livro e o singularizam, função que a dedicatória de um autor não pode exercer:

Imagino também (a ignorância estimulando muito a imaginação) que o nascimento da impressão, ao multiplicar exemplares (quase) idênticos, deve ter multiplicado, ao mesmo tempo, para compensar esta uniformização do produto, a demanda por dedicatórias de exemplares: em suma, este tipo de dedicatória, tal qual a conhecemos ainda hoje, constitui a única parte autografada, e portanto, de certa maneira, singular (“única”) de um livro impresso. (GENETTE, 2009, p.125)

As dedicatórias de exemplares não podem ser falsificadas. São escritos que se fazem

únicos através da assinatura. São escritos que não se esgotam na ordem do simbólico, pois a dedicatória de exemplar exige um ato específico que é o ato de endereçar um livro a alguém. Em uma dedicatória de autor podemos presenciar agradecimentos a uma pessoa que talvez não esteja mais viva, mas para a dedicatória de um exemplar está implicado um ato de troca e necessariamente a existência de uma intenção ou relação entre duas pessoas.

Há sempre uma intenção para além dos rabiscos à caneta que perpassa o ato de destinar um livro a alguém. Uma característica única da dedicatória de exemplar é que, ao oferecermos um livro a outra pessoa, esse ato de presentear possui a intenção de leitura. Esperamos que o livro seja explorado por quem o recebeu. Ler será retribuir o carinho que perpassa essa troca. Não há como desvincular tal propósito nesse ato de endereçamento:

É que o dedicatário de exemplar, ao contrário do dedicatário de obra, é sempre um leitor em potencial ao mesmo tempo que uma pessoa real, e um dos pressupostos da dedicatória é que o autor espera dele, como retorno da satisfação, uma leitura. Seria, aliás, inconveniente, mesmo por modestia, dar a entender numa dedicatória que nada se espera dele: seria tratá-lo como um beócio, ou como um vulgar caçador de autógrafos. (GENETTE, 2009, p.129)

Alguns elementos da dedicatória se revelam em caráter dualístico. A dedicatória de obra se direciona para dois destinatários: cria-se para quem é parte do processo de realização do livro, àquele que foi apoio e inspiração no percorrer da criação. Mas também se dedica para o leitor, que é espectador inegável de uma transmissão de afeto e reconhecimento. “[...] sempre existe uma ambiguidade na destinação de uma dedicatória de obra, que sempre tem vista pelo menos dois destinatários: o dedicatário, é claro, mas também o leitor. Já que se trata de um ato público no qual o leitor é de algum modo chamado a testemunhar” (GENETTE, 2009, p.123). Na contramão desses elementos, a dedicatória de exemplar não pressupõe a leitura de um terceiro. Ela se constrói em um jogo íntimo entre duas pessoas. Genette (2009, p.129) diz que o caráter privado e o tom confidencial da dedicatória de exemplar demarcam seus traços distintos. Para o autor, “[...] a principal razão dessa diferença, ou dessas diferenças, é o caráter privado, não só na relação, mas também na instância da comunicação, em princípio confidencial, da dedicatória de exemplar”.

Entretanto, nos deparamos com situações que rompem com o caráter privado deste tipo de dedicatória. Essas situações se desenvolvem, por exemplo, com a compra de livros nos antigos sebos. Muitos dos livros, que são revendidos ou repassados, possuem dedicatórias de exemplares. Livros repletos de fragmentos de histórias que nós, os *terceiros leitores*, ficamos

a imaginar. Trechos de confissões, dores, faltas, paixões, algo da intimidade das relações que agora são testemunhadas por nós.

No entanto, dentre todas as especificidades que uma dedicatória pode comportar, sua mais bela característica se expressa no fato de que “‘Para Fulano’ comporta sempre uma parte de ‘Por Fulano’” (GENETTE, 2009, p.124). Quando falamos de “Por Fulano” é porque por ali, por trás das palavras que se dirigem a outra pessoa, existe alguém que coloca na dedicatória um pouco de si. A dedicatória pode ser um poema, um trecho de uma música, os desejos ou as faltas de quem escreve. Qualquer um desses fragmentos vão desenhar quem é esse alguém que dedica. O “Para fulano” demonstra que por mais que esses escritos digam algo sobre quem escreve, a dedicatória se dirige a alguém.

Esse alguém que me refiro não se trata exclusivamente dos admiradores de determinados livros, que buscam, no autógrafo de seus autores, singularizarem a obra com o traço de quem as criou. Esse outro alguém que presenteamos com um livro será uma pessoa que em algum momento de nossas vidas teve certa importância em nossas vidas.

Quando estabelecemos este tipo de relação, fazemos dos livros que possuímos uma herança afetiva. Fazemos dos livros uma herança que nos diz que “não posso esquecer-me nem do outro, nem de mim no outro” (SKLIAR, 2014, p.139). Um livro com uma dedicatória será um lugar em que sempre poderemos voltar, e através dele, talvez algumas coisas permaneçam vivas. Junto a Skliar (2014, p.139), penso que, podemos, através dessa herança afetiva, voltar a lugares da nossa memória em que “já não estamos, já não somos”.

4. EU TE DEDICO

Como podemos pensar, então, o tema da memória e da *escrita de si* vinculado às dedicatórias? Como já vimos no segundo capítulo, através de autores como Halbwachs (2006), Bergson (1999) e Bosi (1994), o tema da memória provoca inúmeras inquietações. Nesse capítulo, faremos um breve percurso através de um objeto específico: um repositório digital de dedicatórias, o projeto *Eu te dedico*. Em um primeiro momento pareça estranho pensar o tema memória entrelaçado com um objeto tão atual: um blog. Quando falamos de memória, logo vinculamos a palavra a algo que está muito atrás de nós, no passado. No entanto, através do site eutededico.com.br, inúmeras dedicatórias escritas nas mais distintas datas se encontram a nossa disposição para que possamos acessar esse baú de raridades em

tempo real. Junto a autores como Foucault (2009), Chartier (1996) e Skliar (2014) também vamos percorrer esse baú de dedicatórias disponível na internet para pensarmos o tema da *escrita de si* e do nosso exercício hermenêutico diante da leitura de escritos tão raros.

Mariana Gonçalves Guglielmelli é formada em Design e Publicidade e Propaganda. Atualmente, trabalha como designer na cidade de Belo Horizonte. As dedicatórias escritas em livros sempre foram fonte de seu interesse. Movida pela curiosidade, começou a frequentar alguns sebos em busca de livros consagrados, que já tivessem sido premiados, para então fotografá-los. No ano de 2012, pensou que talvez as imagens e histórias que teve acesso ao folhear livros tão antigos podiam ser compartilhadas com outras pessoas. Foi a partir da vontade de compartilhar algo da beleza da intimidade que Mariana cria, em 2012, o projeto *Eu te dedico*- um blog que reúne fotografias de livros e suas dedicatórias (GUGLIELMELLI, 2017).

Figura 1- Mariana Gonçalves Guglielmelli, criadora do projeto *Eu te dedico*



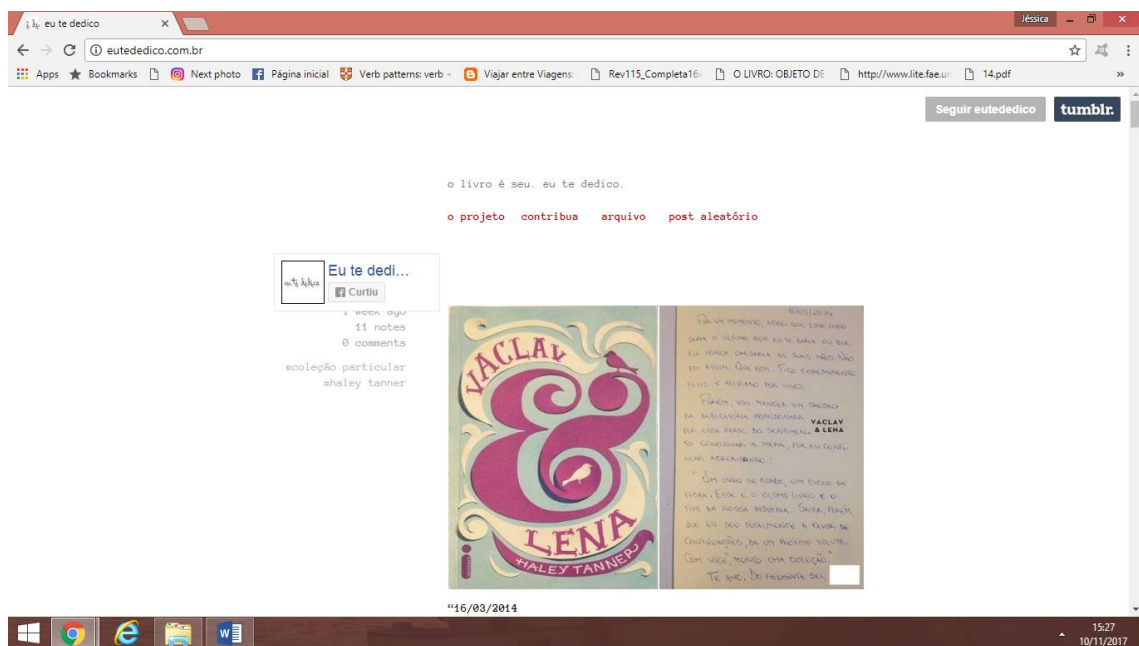
Fonte: imagem retirada da página do *Eu te dedico* no facebook¹

O *Eu te dedico* se transformou em um projeto colaborativo. Segundo Mariana, já foram enviadas cerca de 1200 contribuições para participar do projeto. No entanto, o blog

¹ A imagem está disponível na página do *Eu te dedico* no facebook e seu uso foi autorizado neste trabalho por Mariana Guglielmelli, criadora do *Eu te dedico*. Disponível em: <https://www.facebook.com/eutededico/photos/rpp.166417053471435/1450852671694527/?type=3&theater>. Acesso em 20 de dez, 2017.

possui 410 publicações com as mais distintas dedicatórias e histórias que as acompanham (GUGLIELMELLI, 2017). Para contribuir com o projeto, é preciso fotografar a capa do livro² e a página em que se encontra a dedicatória e enviar para o e-mail de Mariana. Além das fotografias, é preciso que os colaboradores escrevam, junto ao e-mail, o nome da obra e seu autor, a quem pertence o livro e contar a história vinculada à dedicatória. Depois que as contribuições são avaliadas, Mariana as publica no endereço eutededico.com.br, um dos blogs da plataforma Tumblr.

Figura 2- Página inicial do blog *Eu te dedico*



Fonte: *print screen* da página inicial do blog eutededico.com.br³

O Tumblr⁴ é uma plataforma de *blogging*. Através dela, seus usuários podem publicar textos, fotos, áudios, Gif's, citações, vídeos. No entanto, a plataforma também pode ser definida como uma rede social. Seus usuários, ao criarem seus blogs pessoais, podem seguir

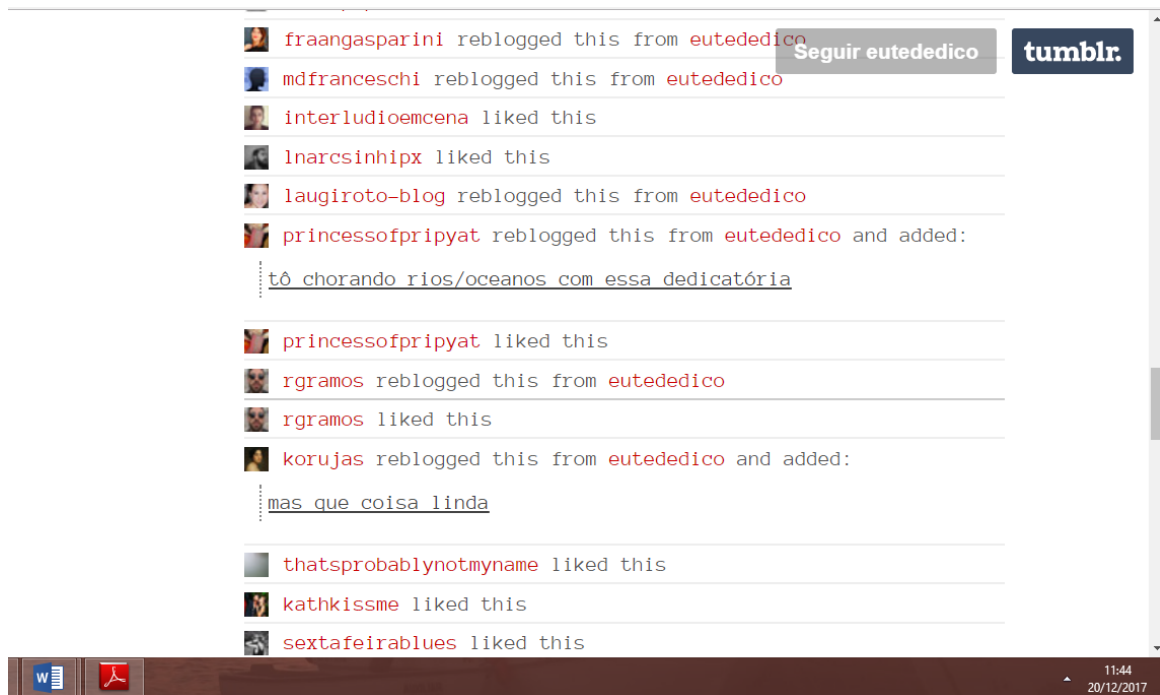
² Disponível em: <http://eutededico.com.br/projeto>. Acesso em 10 de nov, 2017.

³ Disponível em: <http://eutededico.com.br/>. Acesso em 10 de nov, 2017.

⁴ Disponível em: <https://www.tumblr.com/>. Acesso em 10 de nov, 2017.

outros blogs de seu interesse que fazem parte da plataforma. Dessa maneira, é possível interagir com outros usuários e compartilhar conteúdo de outros blogs que pertencem ao Tumblr. Muitas dedicatórias publicadas no eutededico.com.br são curtidas e compartilhadas por outros usuários do Tumblr.

Figura 3 – Compartilhamentos das publicações do *Eu te dedico* por usuários do Tumblr

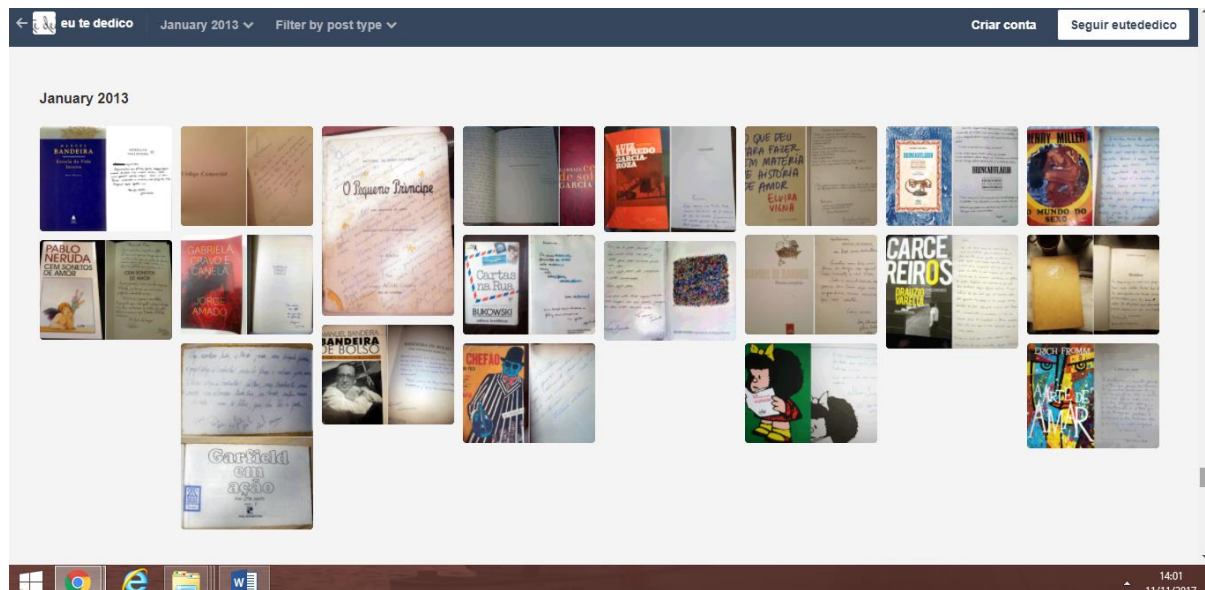


Fonte: *print screen* da página do site eutededico.com.br

No blog eutededico.com.br também é possível visualizar as dedicatórias que foram publicadas em cada mês do ano. Ao clicar em “arquivos”⁵ na página inicial do *Eu te dedico*, ficam disponíveis todas as imagens dos livros e suas dedicatórias desde o início do projeto.

⁵ Disponível em: <http://eutededico.com.br/archive>. Acesso em 11 de nov, 2017.

Figura 4- Exemplo de arquivos de imagens no blog *Eu te dedico*

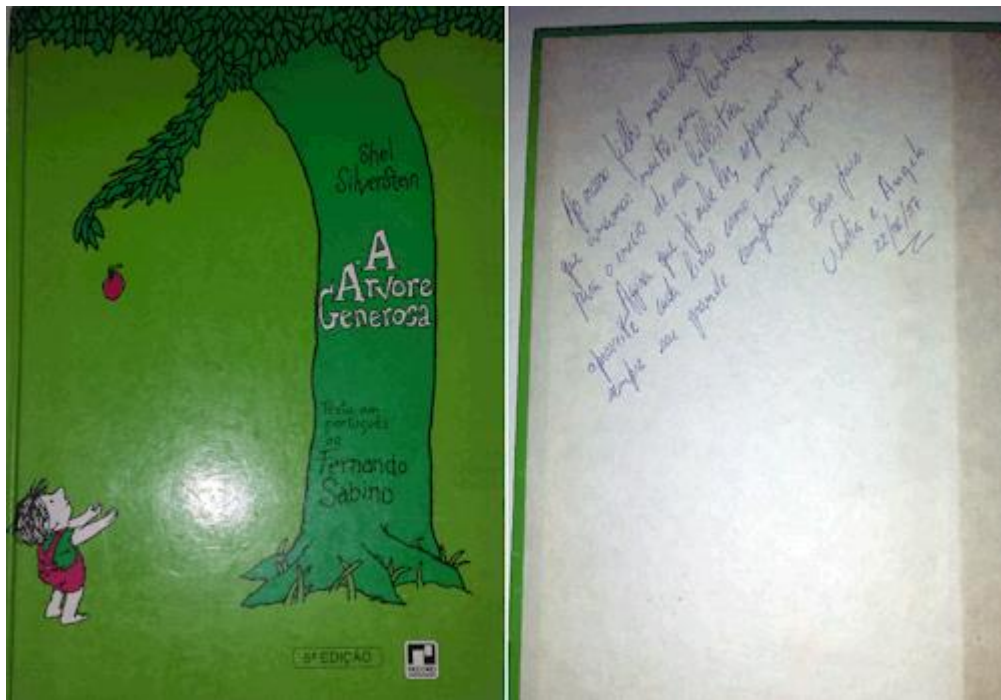


Fonte: *print screen* da página em que consta todos os arquivos do projeto *Eu te dedico*.

Em 2012, ano em que o projeto é criado, o projeto *Eu te dedico* recebia em média 600⁶ visitas ao dia. Desde então, é possível ter acesso as mais diversas dedicatórias e histórias que perpassam o ato de presentear alguém com um livro. No blog, é possível navegar pelos mais diferentes tipos de dedicatórias. Algumas delas são pequenas mensagens enviadas em alguma data em especial, como a data de aniversário em que o livro com uma dedicatória se torna um presente. No entanto, também é possível navegar por dedicatórias que não precisam de uma data comemorativa em especial para serem destinadas a alguém: são fragmentos dos mais distintos afetos, como na dedicatória enviada por Bruno Viggiano e publicada no dia 4 de abril de 2014 no blog do *Eu te dedico*.

⁶ Informações retiradas de entrevista concedida por Mariana Guglielmelli, autora do projeto *Eu te dedico*. Disponível em: <http://eutededico.com.br/post/23608322713/entrevista-sobre-o-eu-te-dedico>. Acesso em 10 de nov, 2017.

Figura 5- Dedicatória publicada no blog *Eu te dedico* no dia 4 de abril de 2014



Fonte: página do blog eutededico.com.br⁷

*Ao nosso filho maravilhoso
que amamos muito, uma lembrança
para o início de sua biblioteca.
Agora que já sabe ler, esperamos que
aproveite cada livro como uma viagem e seja
sempre seu grande companheiro.
Seus pais,
Nadia e Angelo.
22/06/97⁸*

A dedicatória foi escrita no livro *A Árvore Generosa* de Shel Silverstein pelos pais de Bruno no ano de 1997. Para Guglielmelli (2017), o envio de colaborações para o projeto possui inúmeras motivações, mas é possível notar que o estímulo de tornar a dedicatória pública através do site eutededico.com.br ocorre, frequentemente, pela vontade de

⁷ Disponível em: <http://eutededico.com.br/post/81677227845/ao-nosso-filho-maravilhoso-que-amamos-muito-uma>. Acesso em 12 de nov, 2017.

⁸ As dedicatórias neste trabalho estão distribuídas na página em formatação semelhante às publicações do blog *Eu te dedico*.

homenagear ou agradecer o autor da dedicatória. Nesse caso, o agradecimento é prestado aos pais de Bruno, como fica evidente em seu comentário⁹ na página do blog:

Ganhei esse livro logo que comecei a mostrar interesse pela leitura. Meus pais são responsáveis diretos pelo meu amor por livros, desde a escolha da escola em que estudei ao incentivo dentro de casa para encontrar no livro um amigo. Esse livro com certeza será um item muito especial na biblioteca que um dia eles imaginaram e que hoje eu sonho em ter.

Para Mariana Guglielmelli¹⁰, autora do projeto *Eu te dedico*, a dedicatória se encaixa como a metáfora de um embrulho de papel para presente. As escolhas sobre que textura e a cor do papel que embrulhamos um presente já denotam nossas intenções e preferências ao presentearmos alguém, a escolha do papel diz um pouco sobre quem presenteia e também sobre as intenções com o outro que recebe o presente. A diferença é que o embrulho pode ser facilmente descartado por não ter mais serventia, mas a dedicatória se torna um presente mais duradouro, à medida que será possível retornar a ela através da memória. No entanto, além de ser um lugar em que sempre será possível retornar através da memória, a dedicatória é a expressão escrita de um momento (GUGLIELMELLI, 2017).

Mariana acredita que toda escrita diz algo de quem escreve, principalmente em dedicatórias- escritos que têm como objetivo transmitir uma intenção (GUGLIELMELLI, 2017). As dedicatórias enviadas ao projeto *Eu te dedico* dizem tanto sobre quem dedica quanto quem recebe a dedicatória. No entanto, o mais interessante se desdobra no fato de que ao serem publicadas em um blog na internet, nós, os terceiros leitores, também somos tocados e damos os mais diversos sentidos quando lemos os manuscritos do *Eu te dedico*.

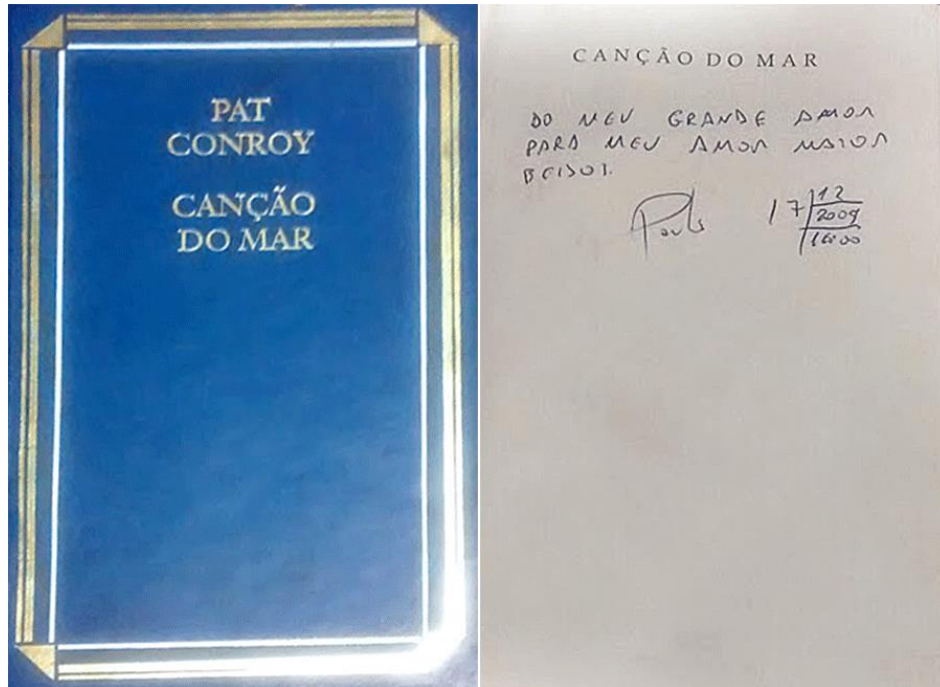
Ao retomar o pensamento de Skliar (2014), em um primeiro momento podemos pensar que o crescimento da leitura em plataformas digitais e toda a velocidade de leitura que a internet proporciona vem acompanhado de um abandono dos livros e bibliotecas em sua materialidade e de uma certa perda de significado do passado. Para Guglielmelli (2017), o contato com os livros e dedicatórias de outras pessoas através do projeto *Eu te dedico* não altera a experiência de leitura de uma dedicatória. Através de novos olhares, os visitantes do *Eu te dedico* encontram dedicatórias que não foram escritas para si, algo que difere do contato com

⁹ Os comentários enviados pelos colaboradores do *Eu te dedico* em itálico estão todos disponíveis no site eutededico.com.br

¹⁰ Informações retiradas de uma entrevista concedida por Mariana Guglielmelli, autora do projeto *Eu te dedico*. Disponível em: <http://eutededico.com.br/post/23608322713/entrevista-sobre-o-eu-te-dedico>. Acesso em 10 de nov, 2017.

dedicatórias em livros que ganhamos ao longo da vida. Nesse caso, não é como se o passado perdesse seu significado e, sim, ganhasse um novo.

Figura 6 - Dedicatória publicada no blog *Eu te dedico* no dia 17 de dezembro de 2014



Fonte: página do site eutededico.com.br¹¹

*Do meu grande amor
para o meu amor maior.
Beijos,
Paulo.
17/12/2004/16:00*

No blog, Tamires de Carvalho conta que ganhou o livro *Canção do mar* de seu pai em dezembro de 2004:

Ganhei de presente do meu pai em dezembro de 2004. Nem eu nem meu pai sabíamos nada sobre o livro, mas me apaixonei pelo título e ele acabou comprando para mim de presente de natal. Este livro tem

¹¹ Disponível em: <http://eutededico.com.br/post/105432395104/do-meu-grande-amor-para-o-meu-amor-maior-beijos>. Acesso em 10 de dez, 2017.

uma carga dramática muito grande e acabou me ajudando com os problemas que estávamos vivendo na época. Ele me ensinou a enxergar que existem outras pessoas com problemas parecidos ou "piores" que os nossos. Aprendi um pouco do que é ter empatia.

Hoje este livro tem um significado ainda maior para mim, pois meu pai faleceu em 2010 e este é o único livro que ele me deu com uma dedicatória. Tenho alguns cartões, mas essa dedicatória para mim é mais especial. A minha edição do "Canção do Mar" tem, realmente, duas histórias.

Obs.: Como fui eu quem escolheu o presente, nós brincamos que este seria um presente de mim para mim mesma. Daí ele teve a ideia para a dedicatória.

Podemos tecer comentários sobre as dedicatórias do projeto *Eu te dedico* em qualquer uma das redes sociais em que o projeto se encontra. Através dos comentários, percebemos a potência que as histórias de afeto que perpassam as dedicatórias possuem ao sensibilizar terceiros leitores. No blog *Eu te dedico*, um usuário ¹²do Tumblr, Eloy Machado, comenta sobre a dedicatória feita para Tamires Carvalho no livro *Coração do Mar: Algumas histórias aqui me deixam realmente emocionado*.

O projeto *Eu te dedico* também possui perfis nas redes sociais Facebook e Instagram. Através dessas redes sociais é possível acompanhar as publicações das dedicatórias que estão disponíveis na plataforma Tumblr. As dedicatórias compartilhadas através do projeto despertam o interesse daqueles que acessam as publicações na internet. Estes ficam a imaginar histórias que não são suas e que despertam curiosidade, admiração e identificação. (GUGLIELMELLI, 2017).

¹² Comentário disponível em: <http://eutededico.com.br/post/105432395104/do-meu-grande-amor-para-o-meu-amor-maior-beijos>. Acesso em 10 de dez, 2017.

Figura 7 - Comentários de leitores na página do *Eu te dedico* no facebook



Fonte: página do *Eu te dedico* no Facebook¹³

Um livro com uma dedicatória é um livro com duas histórias, uma que começa no primeiro capítulo e uma que começou antes de se passarem as páginas. Trago a definição do projeto *Eu te dedico* em sua página da internet para apontar a direção em que se desdobrará minha análise. Para além das dedicatórias apresentadas nos livros que são publicados no blog, o mais instigante se desdobra através das histórias que acompanham uma dedicatória. Além da narrativa que um livro carrega por parte de seu autor, existem histórias afetivas de quem um dia dedicou um livro a alguém e que veremos no capítulo a seguir.

¹³ Disponível em: <https://www.facebook.com/eutededico/>. Acesso em 10 de dez, 2017.

5. FRAGMENTOS DE AFETO

De amor não falemos. De que serviria dar nome ao que encerra somente o equívoco? Somos e não somos sós. E depois ser só não é ser só. Não estamos sós. Temo-nos um ao outro na distância e na ausência, que são só acidentes e nada de essencial atingem. Temo-nos no que ficou do fugidio encontro, na ternura renovada que nos inventamos ou recriamos. Ou na lembrança. (BARTHES, 1981)

Ao trazer as palavras de Roland Barthes, talvez em um primeiro momento pareça equivocado trazer a palavra *amor* como um recorte para analisar as dedicatórias e suas histórias que se encontram disponíveis no blog *Eu te dedico*. A palavra *amor* implica definições ilimitadas, mas o amor sobre o qual pretendo me debruçar é aquele que nem sempre é correspondido, que muitas vezes mora na lembrança. Amor entre mãe, pai, filho, avó, amigo. O amor que vemos pela janela do ônibus no abraço entre duas pessoas e que nos toca de tal forma a ponto de querer um abraço também. Amor que não é nosso, mas que nos faz querer amar. O Amor que não encontramos. O amor que se constrói pelo simples fato de nos reconhecermos no outro. Todas as oito dedicatórias e as histórias que analiso através do projeto *Eu te dedico* demonstram algum tipo de afeto. O afeto está sempre implicado quando dedicamos um livro a alguém. Embora saibamos que os afetos não se reduzem aos casos que me proponho analisar, trago oito exemplos, que em sua maioria, possuem uma grande carga afetiva.

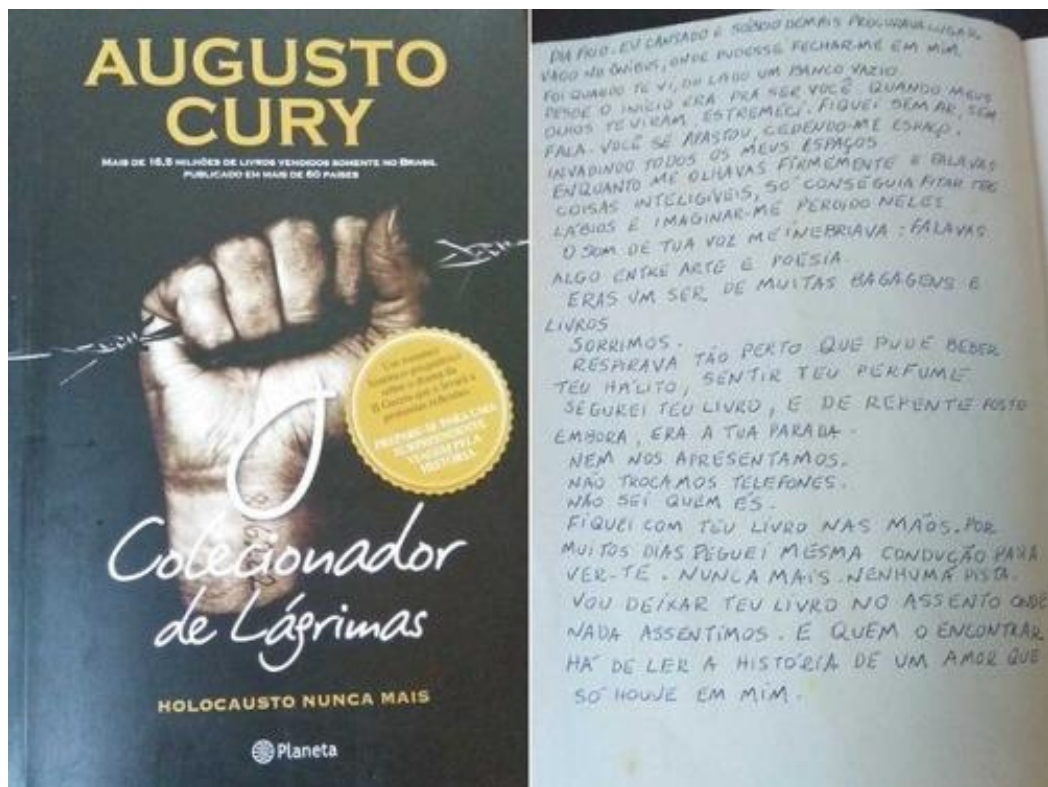
Para a escolha das oito dedicatórias, tive um trabalho de intensa leitura do blog eutededico.com.br para que pudesse articular as dedicatórias presentes no blog com as quatro camadas conceituais que julgo centrais no processo de elaboração desse trabalho: memória, tempo, *escrita de si* e práticas de leitura. Quando me deparei com o blog para fazer a escolha das dedicatórias, me parecia muito redutor trazer dedicatórias sobre uma temática específica. Dedicatórias realizadas em datas de aniversário ou enviadas ao blog em um ano específico não me pareciam o suficiente. Não tive a capacidade de me limitar a datas ou temáticas específicas, pois a carga afetiva das dedicatórias que li era tão grande que tudo parecia importante. Foi assim que encontrei nas trocas afetivas um recorte mais amplo. Dessa forma, vamos pensar sobre memória, tempo, *escrita de si* e práticas de leitura ao longo das dedicatórias que analiso aqui. Alguma das práticas de leitura que foram apresentadas ao longo do terceiro capítulo também nos ajudam a pensar sobre essas dedicatórias não só de forma conceitual, mas também nos auxiliam a refletir sobre o nosso próprio exercício de leitura que é tão vasto e ao mesmo tempo muito singular. Vasto, pois esses escritos serão jogados diante

de múltiplos olhares. A singularidade vem do fato de que não há hegemonia no olhar e as dedicatórias e histórias expostas aqui estão abertas para que o leitor leia e aproprie-se de tal leitura.

5.1 Um amor que só houve em mim

A primeira dedicatória se desdobra em um amor que não é nosso, mas que talvez nos faça querer amar. Uma dedicatória enviada ao projeto *Eu te dedico* por um terceiro leitor, testemunha de um afeto que tampouco é seu.

Figura 8– Dedicatória publicada no blog *Eu te dedico* no dia 25 de setembro de 2017



Fonte: página do site eutededico.com.br¹⁴

Dia frio.

Eu, cansado e sóbrio demais, procurava lugar vago no ônibus onde pudesse fechar-me em mim.

Foi quando te vi. Do lado, um banco vazio.

¹⁴ Disponível em: <http://eutededico.com.br/post/165725770069/dia-frio-eu-cansado-e-s%C3%B3brio-dema-is-procurava#notes>. Acesso em 10 de dez, 2017.

*Desde o início era para ser você.
 Quando meus olhos te viram, estremeci. Fiquei sem ar, sem fala.
 Você se afastou cedendo-me espaço, invadindo todos os meus
 espaços.
 Enquanto me olhavas firmemente e falavas coisas inteligíveis, só
 conseguia fitar teus lábios e imaginar-me perdido neles.
 O som de tua voz me inebriava: falavas algo entre arte e poesia.
 Eras um ser de muitas bagagens e livros.
 Sorrimos.
 Respirava tão perto que pude beber teu hálito, sentir teu perfume.
 Segurei teu livro, e de repente foste embora, era a tua parada.
 Nem nos apresentamos.
 Não trocamos telefones.
 Não sei quem és.
 Fiquei com teu livro nas mãos.
 Por muitos dias peguei mesma condução para ver-te.
 Nunca mais.
 Nenhuma pista.
 Vou deixar teu livro no assento onde nada assentimos.
 E, quem o encontrar,
 há de ler a história de um amor que só houve em mim.*

A foto do livro *Colecionador de lágrimas* de Augusto Cury foi enviada por Rakel Kieff ao projeto *Eu te dedico*. No blog, ela conta¹⁵ que encontrou este livro em um ônibus que não costuma pegar. A data em que o livro foi encontrado dentro do ônibus não consta na publicação do blog:

Não havia ninguém por perto. Abri imediatamente para ver se tinha algum nome, endereço, e me deparei com essa carta? dedicatória? Até suspirei e desejei encontrar os personagens dessa desventura. Li o livro, é maravilhoso. Acho que devo colocá-lo onde o encontrei... Às vezes somos intensamente amados e nem sabemos disso. Alguém, por favor! Me ame assim...

Talvez ao lermos essa dedicatória escrita por um autor desconhecido, os mais distintos sentimentos nos atravessem. A palavra autor, em um primeiro momento, talvez possa nos remeter a um *status* superior de criação. Como os grandes autores de clássicos da literatura, ou então, aqueles que publicaram textos das mais distintas temáticas, exaustivamente, e sentiram o gosto da fama. No entanto, não é desses autores que pretendo me ocupar. Me refiro ao autor, aqui, como aquele que é capaz de inventar. O autor de que me ocupo é aquele que, através de um encontro efêmero, é capaz de criar palavras que tocam um outro. O autor que

¹⁵ Relato enviado por uma participante do projeto *Eu te dedico* que se identifica como Rakel Kieffe. Disponível em: <http://eutededico.com.br/post/165725770069/dia-frio-eu-cansado-e-s%C3%B3-brio-demais-procurava#notes>. Acesso em 15 de nov, 2017.

presenciamos é aquele que escreve de forma despreziosa. Que escreve porque o encantamento com as vivências foi de tal maneira que fez da escrita uma maneira de ecoar.

Para pensarmos sobre o nosso exercício de produzir sentido em relação ao que lemos, retomo um conceito de Chartier (1996, p.78), ao dizer que a tipografia pode guiar o nosso olhar em direções distintas quando lemos determinados escritos. Na leitura dessas dedicatórias do blog *Eu te dedico*, uma experiência dual está implicada. Acessamos estas dedicatórias diante de uma tela em que é possível abrir diversas abas, acessar outros sites, checar as redes sociais, ler notícias e checar nossos e-mails. Ao mesmo tempo em que percorremos essas dedicatórias na internet, as imagens que são enviadas com as dedicatórias escritas à caneta nos proporcionam uma certa sensação de verossimilhança. Ao retomar o pensamento de Genette (2009, p.125), suponho que a sensação ilusória de que estamos lendo esses manuscritos e não a sua imagem diante de uma tela se dê justamente pelo fato de que está inserido nessas imagens uma tipografia única e singular: o traço à caneta dessas dedicatórias. Escritos que saltam aos nossos olhos por estarem imersos no meio de tantos *hiperlinks* disponíveis em uma página na internet.

Talvez nos espante ou soe piegas presenciar nos escritos desse autor desconhecido uma certa ingenuidade pelo tom tão apaixonado por alguém que ele conheceu de forma tão breve. No entanto, o mais encantador da leitura repousa justamente na diferença no modo como olhamos para um mesmo texto. Esse manuscrito é uma dedicatória que está em busca de sua inspiração. A inspiração para a escrita, aqui, surge da potência afetiva de um encontro e não da leitura prévia do livro em que se encontra a dedicatória. Como Skliar (2014), acredito que esta seja a demonstração de como a vida em movimento, as pessoas que esbarramos ao longo da vida e os acontecimentos que não estavam escritos no roteiro que planejamos para nossas vidas são relíquias que se transformam em narrativa escrita.

Nossas leituras acompanham uma bagagem gigantesca de vivências e memórias. Memórias que são produzidas na presença de um outro; e quando falo de um outro aqui não me refiro necessariamente a uma pessoa. Podemos lembrar através de objetos, textos, imagens, conversas que não são necessariamente nossas, mas que nos tocam no presente.

Nesse caso, é como se essa dedicatória destinada a uma outra pessoa fizesse Rakel, a colaboradora do projeto, refletir sobre o amor. Seguindo Foucault (2010), penso que Rakel se recolhe nesse texto e em si mesmo e se apropria da dedicatória dando a essa leitura um novo sentido. Um sentido que só ela pode dar. O contato com esse objeto faz com que a

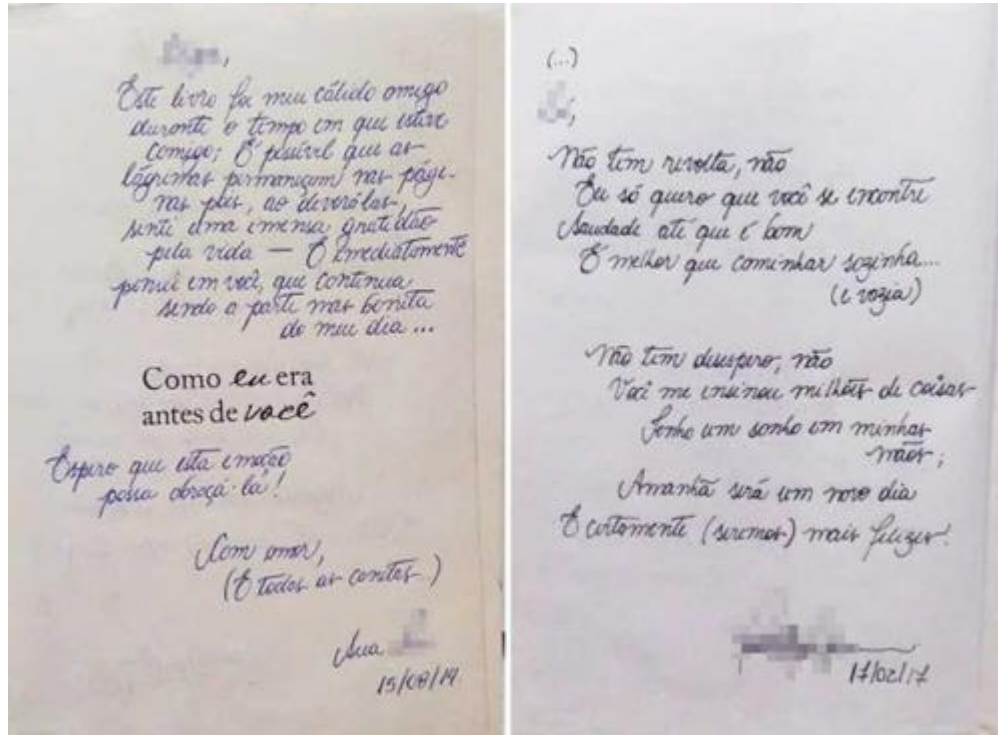
colaboradora do *Eu te dedico* possa olhar para si através de uma dedicatória que não foi destinada a ela. Raquel pensa sobre o amor em relação a si, através de um fragmento de afeto destinado a alguém que ela tampouco conhece quando escreve: *Às vezes somos intensamente amados e nem sabemos disso. Alguém, por favor! Me ame assim...* Ao lermos as dedicatórias do blog *Eu te dedico*, parece equivocado dizermos que os escritos em uma dedicatória de exemplar tenham uma direção única. O caráter privado que Genette (2009) nos aponta como uma característica única da dedicatória presente em um exemplar de um livro se quebra no momento em que esse texto foi colocado no banco de um ônibus e publicado através do blog *Eu te dedico*. A obra ganha novas formas de ser lido tanto por Rakel que encontrou o livro, quanto por nós, pessoas que vivem e testemunham tantos outros afetos.

5.2 Cálido amigo

A seguinte imagem do blog *Eu te dedico* é de um livro com duas dedicatórias. Estes dois manuscritos nos convidam a pensar sobre um amor que mora na lembrança. A primeira dedicatória foi escrita no ano de 2014:

—————,
*Este livro foi meu cálido amigo
durante o tempo em que estive comigo;
É possível que as lágrimas permaneçam
nas páginas pois, ao devorá-las,
senti uma imensa gratidão pela vida - E imediatamente
pensei em você, que continua
sendo a parte mais bonita do meu dia...
Espero que esta emoção possa abraçá-la!
Com amor,
(E todas as canetas)
Sua (—————),
15/08/14*

Figura 9 – Dedicatória publicada no *Eu te dedico* dia 9 de outubro de 2017



Fonte: página do site eutededico.com.br¹⁶

A dedicatória posterior foi escrita em 2017:

(...)

Não tem revolta, não
Eu só quero que você se encontre
Saudade até que é bom
É melhor que caminhar sozinha...
(E vazia)
Não tem desespero, não
Você me ensinou milhões de coisas
Tenho um sonho em minhas mãos,
Amanhã será um novo dia
E certamente (seremos) mais felizes.
17/02/17

A colaboração com a imagem do livro *Como eu era antes de vocês* de Jojo Moyes foi enviada ao projeto *Eu te dedico* por uma pessoa que optou por não se identificar. O livro foi um presente que a colaboradora do blog deu a sua ex-esposa:

¹⁶ Disponível em: <http://eutededico.com.br/post/166217487329/este-livro-foi-meu-c%3%A1lido-amigo>. Acesso em 15 de nov, 2017.

Este livro foi um presente que dei à minha ex-esposa, numa época em que vivíamos a melhor fase do relacionamento. O tempo passou, nós nos desencontramos e o livro acabou “voltando” para as minhas mãos em função de um empréstimo mal resolvido. A última parte é uma dedicatória póstuma, mas que exprime o sentimento que restou dessa nossa história... Daquela que um dia foi a minha melhor amiga: Saudade até que é bom; é melhor que caminhar sozinha.

Amanhã seremos (mais) felizes.

Mesmo que tentássemos com empenho reproduzir alguns eventos importantes de nossas vidas, como o momento em que aprendemos a ler, ou quando demos os primeiros passos, ainda crianças, com muito medo que a gravidade não nos deixasse seguir a diante-jamais conseguiríamos reproduzir esses percursos. Essas lembranças estão guardadas em um baú que está sempre aberto: podemos retornar a essas memórias, mas jamais reproduzi-las. Na primeira dedicatória, escrita pela colaboradora do *Eu te dedico* no ano de 2014, notamos a importância que o livro teve em sua vida. O livro foi tão importante, que a autora da dedicatória o chama de *cálido amigo* e, ao dedicá-lo, torna o livro uma “herança afetiva”, (SKLIAR, 2014). É como se, ao dedicar, ela quisesse que o livro impactasse a vida daquela que foi tão importante em sua vida tanto quanto o próprio livro. É como se ela falasse nas entrelinhas da dedicatória: *toma esse livro que me transformou, espero que ele possa te servir também*. O livro se torna uma herança afetiva através do traço singular de uma dedicatória, mas através dessa herança, como já colocado através de Skliar (2014 p.139), podemos voltar a lugares em “que já não somos, já não estamos”. Na dedicatória posterior, escrita três anos depois pela colaboradora do *Eu te dedico*, presenciamos uma dedicatória em que o autor retorna a um passado em que já não é. A colaboradora do *Eu te dedico* escreve uma dedicatória posterior ressignificando a música *Sonhos* de Caetano Veloso. Ao reler a dedicatória de sua ex-esposa, ela acessa suas memórias e dá novo lugar a elas através da escrita.

Possuímos alguns livros que nos recusamos a abrir, evitamos ao máximo. Nos recusamos a abrir algumas gavetas que estão repletas de cartas e presentes que recebemos de pessoas que passaram por nossas vidas. Objetos estes que estão carregados de memórias. Se releamos as palavras de um amigo que agora está longe, sentiremos saudade, da presença, do carinho, das palavras. Evitamos o contato com alguns objetos pelo simples medo de sentir. No entanto, como já demonstrado a partir de Halbwachs (2006, p.50), nossas lembranças não surgem a partir de nossas vontades. Não temos um controle capaz de regular quando e como nossas memórias vão surgir.

Ao retomarmos alguns conceitos sobre memória coletiva de Halbwachs (2006) também notamos que o fato de voltarmos a determinados testemunhos relativos ao nosso passado podem provocar movimentos distintos. Quando voltamos aos escritos que recebemos no passado, talvez seja porque precisamos destes fragmentos para recordar de alguns percursos que já não se fazem mais tão claros na memória. No entanto, também podemos voltar aos manuscritos guardados, e simplesmente não nos encontrarmos nele. O passar dos anos talvez tenha nos modificado tanto que ao voltar os olhos para o passado não nos identificamos diante dele.

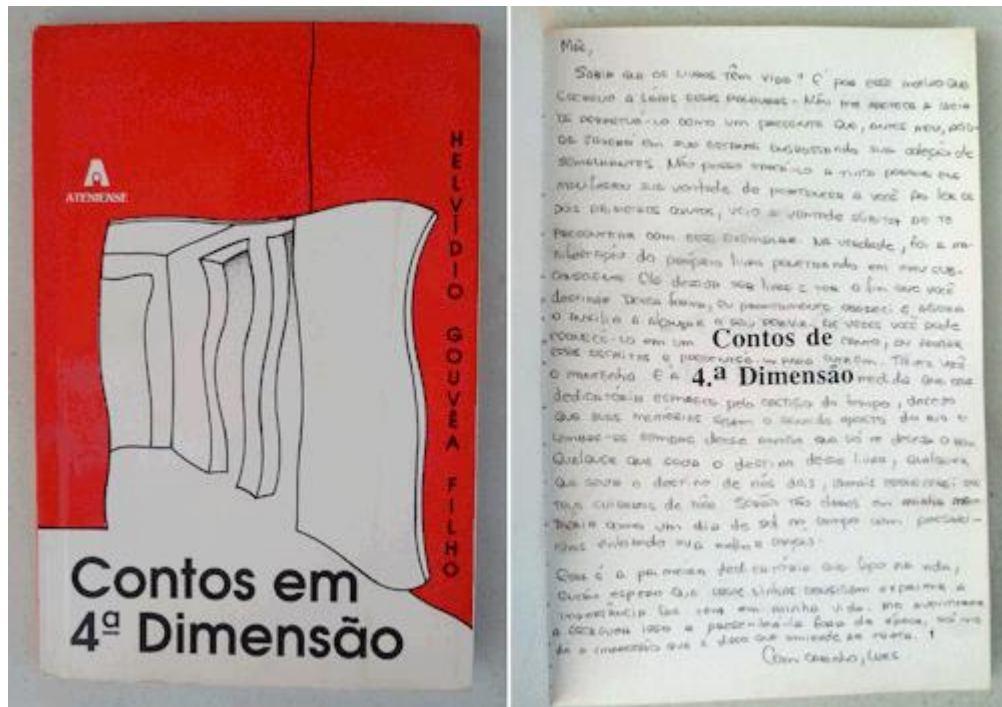
Quando a colaboradora do projeto *Eu te dedico* escreve a dedicatória posterior, ela não reproduz seus percursos, e sim, os refaz. Passado algum tempo, é como se esse objeto afetivo, esse livro, tomasse outro lugares, desse novo lugar a esse amor, ressignificasse um amor que já se tornou outra coisa e que percebemos na leitura da dedicatória posterior, escrita três anos depois da primeira. Como em um mosaico, ao escrever a dedicatória posterior, a colaboradora do projeto rememora um passado e escreve com o que está latente em seus sentimentos. Escreve, três anos depois, com o que está no centro de seus afetos.

Talvez em um primeiro momento, ao falarmos de dedicatória em livros, podemos pensar em um pequeno fragmento de texto que se dirige a uma pessoa específica. Nesse caso, a dedicatória é mais do que isso. A dedicatória, aqui, é uma forma de arte que se desenvolve através da escrita. Ao escrever a dedicatória posterior, o autor cria algo novo a partir das lembranças de um passado. O autor da dedicatória posterior não reproduz memórias e, sim, dá novo lugar a elas através da criação.

5.3 Desejo que as memórias sigam o sentido oposto do rio

Na imagem seguinte, publicada no blog *Eu te dedico* no dia primeiro de setembro de 2014, somos testemunhas do amor em relação a uma amiga. Amizade que, pelos cuidados mais singelos, se aproxima de um amor que o colaborador do projeto considera maternal.

Figura 10- Dedicatória publicada no *Eu te dedico* no dia 1 de setembro de 2014



Fonte: página do site eutededico.com.br¹⁷

Mãe,

Sabia que os livros têm vida? É por esse motivo que escrevo a lápis essas palavras. Não me apetece a ideia de perpetuá-lo como um presente que, antes meu, agora jazerá em sua estante engrossando sua coleção de semelhantes. Não posso marcá-lo a tinta porque ele manifestou sua vontade de pertencer a você. Ao ler os dois primeiros contos, veio a vontade súbita de te presentear com esse exemplar. Na verdade, foi a manifestação do próprio livro penetrando em meu subconsciente. Ele deseja ser livre e ter o fim que você destinar. Dessa forma, eu prontamente obedeci e agora o auxílio a alcançar o seu porvir. Às vezes você pode esquecê-lo em um canto, ou apagar essas escritas e presenteá-lo para outrem. Talvez você o mantenha. E à medida que essa dedicatória esmaece pelo castigo do tempo, desejo que suas memórias sigam o sentido oposto do rio e lembre-se sempre desse amigo que só te deseja o bem. Qualquer que seja o destino desse livro, qualquer seja o destino de nós dois, jamais me esquecerei dos teus cuidados de mãe. Serão tão claros em minha memória como um dia de sol no campo com passarinhos entoando sua melhor canção.

¹⁷ Disponível em: <http://eutededico.com.br/post/96358913134/m%C3%A3e-sabia-que-os-livros-t%C3%A3o-vida-%C3%A9-por-esse> . Acesso em 15 de nov, 2017.

Essa é a primeira dedicatória que faço na vida, então espero que essas linhas consigam exprimir a importância que tens em minha vida. Me aventurar a escrever isso e presenteá-la fora de época, só me dá a impressão que é disso que amizade se trata.

Com carinho, Luks.

O livro *Contos em quatro dimensões* foi enviado ao projeto *Eu te dedico* com uma dedicatória que o colaborador do projeto, Lucas Guarnieri, escreveu para sua amiga Nathalia Almeida:

Esse livro é meu e eu o presentiei a Nathalia Almeida que é chamada por mim de mãe devido aos seus cuidados de mãe. É uma amizade muito grande e sincera que me despertou a vontade de presenteá-la sem a necessidade de haver uma data comemorativa específica.

Guardamos nossos livros por muitos anos. É possível que as páginas fiquem amareladas pelo desgaste do tempo. Podemos doar nossos livros como forma de dar a outras pessoas a oportunidade do acesso a um objeto que, em algum momento de nossas vidas, se fez importante. Talvez as dedicatórias sejam perdidas, rasgadas, passadas adiante junto com os livros que doamos ou emprestamos, mas há algo da memória, das lembranças de um passado, que permanecem intactas. Lucas escreve *que é possível que a dedicatória se apague pelo castigo do tempo*. No entanto, qual o tempo da dedicatória? Se levarmos em conta a data em que a dedicatória foi escrita, é no passado de um tempo cronológico que essa dedicatória foi criada, mas não é no passado em que ela ganha vida. É no tempo presente que os escritos tomam corpo. Como coloca Skliar (2014), é no momento presente da leitura que nossos escritos ganham vida. Por mais que o livro possa se perder, o desejo de Lucas é *que as memórias sigam o oposto desse movimento*, que o carinho entre os dois siga vivo, mesmo que o livro e seus escritos se percam, se rasguem, se misturem entre tantos outros objetos.

No entanto, por que esse manuscrito que não foi dedicado a uma pessoa específica consegue tocar e comover outros leitores? Arrisco dizer que o afeto estabelecido na relação entre Lucas e Nathalia é de tal tamanho que toca o presente de Lucas quando ele escreve ao blog *Eu te dedico* ao dizer *que é uma amizade muito grande e sincera*. Não consta no blog a data em que a dedicatória foi escrita, mas no relato de Lucas percebemos que a amizade e o carinho entre ele e sua amiga ainda segue vivo. Talvez a beleza desses escritos estarem disponíveis na internet, acessíveis a uma rede infinita de pessoas, aconteça porque nos tornamos navegadores das mais distintas memórias que não nos pertencem. E de alguma

forma, é como se ajudássemos Lucas a manter essas memórias vivas através de nossas leituras.

Na tentativa poética de capturar um momento, a fotografia tenta capturar a beleza do instante. A beleza do instante de uma imagem vai ao encontro do que Bergson (1999) chama de *tempo vivido*. A fotografia, muitas vezes, possui a pretensão de cristalizar o instante, de materializar nossas memórias. No entanto, a fotografia, assim como outras formas de arte, fala de memórias que não podem ser reproduzidas. Com as imagens das dedicatórias presentes nestes livros, percorremos um caminho ainda mais adiante. Nessas imagens do blog *Eu te dedico*, não é somente a fotografia dos livros que cristaliza o instante, que denota que uma dedicatória está escrita em uma folha de papel. É a *imagem das palavras* que nos permite viajar através da leitura de histórias inimagináveis.

A dedicatória, aqui, se encaixa como um sinônimo de memória. Os fragmentos de afeto presenciados nesta dedicatória se encaixam no que Bergson (1999) nos apresentou como *imagem-lembrança*. As lembranças que são incapazes de serem recriadas. Essa dedicatória mostra a potência que esses manuscritos possuem para além de sua existência física em um livro. A dedicatória, mesmo que não exista de forma material, se fará presente pelo afeto que estava implicado quando Lucas escreveu a dedicatória e que ainda segue na relação de amizade entre ele e sua amiga Nathalia.

5.4 Como conversar com um fascista?

No entanto, se os escritos ganham vida no momento em que são lidos, como não pensarmos também o tempo presente através de uma dedicatória? A dedicatória que me proponho a analisar aqui se faz resistência em diversos sentidos. É a única dedicatória da análise em que o próprio autor da obra assina uma dedicatória em um exemplar de seu livro.

Figura 11 – Dedicatória publicada no *Eu te dedico* no dia 18 de março de 2016



Fonte: página do site eutededico.com.br¹⁸

*Mariana!
Como conversar com um Fascista?
Vamos tentar?
Um beijo,
Marcia Tiburi
BH.15*

A dedicatória foi escrita no ano de 2015 pela autora do livro *Como conversar com um – Reflexões Sobre o Cotidiano Autoritário Brasileiro fascista*, Marcia Tiburi. No blog, Mariana, a dona do exemplar, conta:

Fui no lançamento desse livro em BH no final do ano passado. Adorei a leitura e estou seguindo o conselho que a Marcia me deu na dedicatória: tô tentando! Por mais que seja difícil.

¹⁸ Disponível em: < <http://eutededico.com.br/post/141256883214/mariana-como-conversar-com-um-fascista-vamos>>. Acesso em 15 de nov, 2017.

Através das dedicatórias no blog *Eu te dedico* podemos percorrer três camadas do *tempo*. A primeira camada se desdobra nas datas em que essas dedicatórias foram escritas. As dedicatórias publicadas no blog foram escritas nas mais variadas datas e ocasiões. Também percorremos as datas referentes às publicações no blog. Desde 2012, esse repositório virtual vem sendo preenchido com dedicatórias mensais que ficam disponíveis a quem quiser acessar a página eutededico.com.br. A terceira camada, que pretendo desdobrar aqui, é a do *tempo presente*.

A dedicatória que analisamos aqui talvez possa ter sido escrita de forma quase mecânica pela autora do livro, pela exigência de tantas outras pessoas que buscavam, na sua assinatura, singularizarem o exemplar do livro na cidade de Belo Horizonte. No entanto, percebemos a importância que a dedicatória da autora do livro tem para a dona do exemplar quando diz: *Adorei a leitura e estou seguindo o conselho que a Marcia me deu na dedicatória: tô tentando! Por mais que seja difícil*. Ter afeto também é se reconhecer no outro, e o que presenciamos aqui é o afeto que se dá através do reconhecimento da leitora com aquilo que a autora do livro escreveu. O fato de a leitura ter sido importante para a dona do exemplar do livro faz com que a assinatura de sua criadora seja tão importante quanto.

Ao retomar Goulemot (1996, p.78), percebemos que nossas leituras não ocorrem somente através dos olhos; elas também são tomadas por “uma invasão de sentido por parte da consciência que provocou a doença, a saúde ou a morte”. Se nossas leituras também são tomadas por uma invasão de sentido por parte da nossa consciência, é impossível não pensarmos o tempo em que vivemos ao lermos essa dedicatória. Em 2015, ano em que essa dedicatória foi escrita, o Brasil passava por uma forte crise econômica e política. No ano seguinte, em 2016, ano em que essa dedicatória foi publicada no eutededico.com.br, Dilma Rousseff, até então presidente do Brasil, sofria um processo de *impeachment* que culminou em seu afastamento do cargo de Presidente da República. Ao longo destes dois anos, 2015 e 2016, um forte clima de instabilidade se instaurou no Brasil, clima de insegurança e instabilidade que ainda reverbera em nosso país. Dentro deste quadro, as opiniões em relação à economia, educação, cultura e política se tornaram extremamente polarizadas.

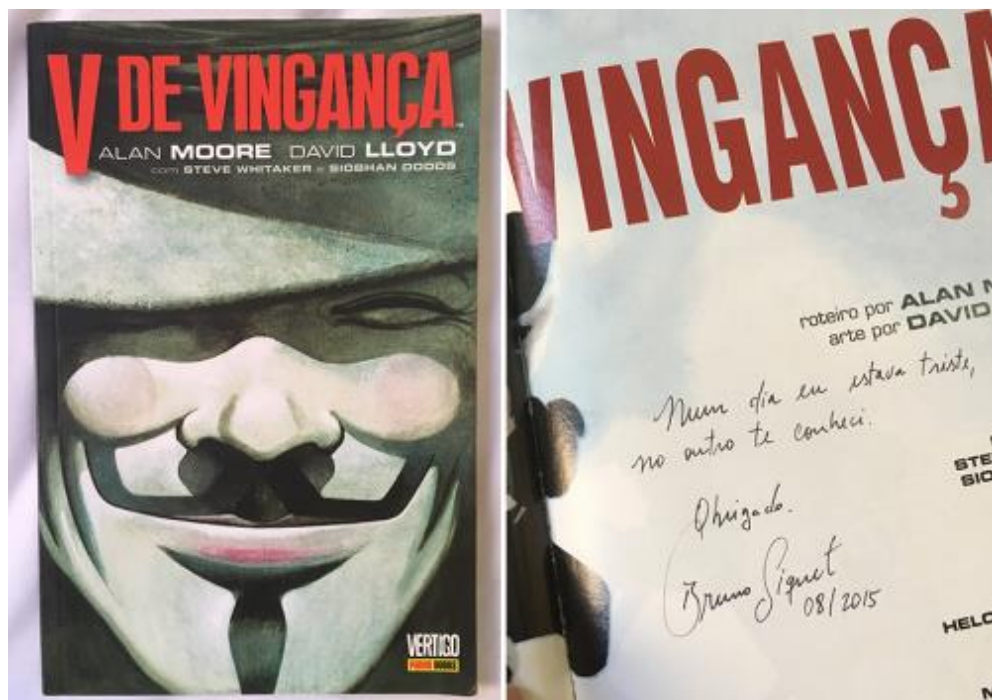
Iniciamos então, uma nova era, em que a intolerância foi proclamada rainha. Diante desses percursos, me pergunto: como podemos dialogar hoje, nas redes sociais ou até mesmo nas

mais distintas esferas sociais em que nos colocamos de corpo presente? Parece ter se tornado muito difícil dialogar em um tempo em que os direitos individuais são esmagados por argumentos daqueles que reduzem tudo à mera ideologia. A dedicatória feita à Mariana faz com ela reflita sobre o modo que dialoga com os *fascistas de nosso tempo* e nos provoca a pensar em como dialogar. Como dialogar em um tempo em que aprovam uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC) em que não é autorizado o aborto para mulheres, mesmo que estas tenham sofrido abusos sexuais? Como dialogar em um tempo em que tentam devorar nossa esperança com argumentos daqueles que ignoram a existência de um outro que lhes é estranho? Assim como Mariana reflete sobre o presente através da dedicatória, a publicação no *Eu te dedico* também nos convida a nos indagarmos.

5.5 Te conheci

A imagem da dedicatória, publicada no *Eu te Dedico* no dia 18 de novembro de 2016, nos mostra um afeto que se desdobra em forma de agradecimento.

Figura 12 – Dedicatória publicada no *Eu te dedico* no dia 18 de novembro de 2016



Fonte: página do site eutededico.com.br¹⁹

¹⁹ Disponível em: <http://eutededico.com.br/post/153341824209/num-dia-eu-estava-triste-no-outro-te-conheci> . Acesso em 17 de zembro, 2017.

*Num dia eu estava triste,
no outro te conheci.*

Obrigado.

Bruno Siquet

08/2015

Priscila Basil enviou este livro de sua coleção particular para publicação no projeto *Eu te dedico*. No blog, ela conta:

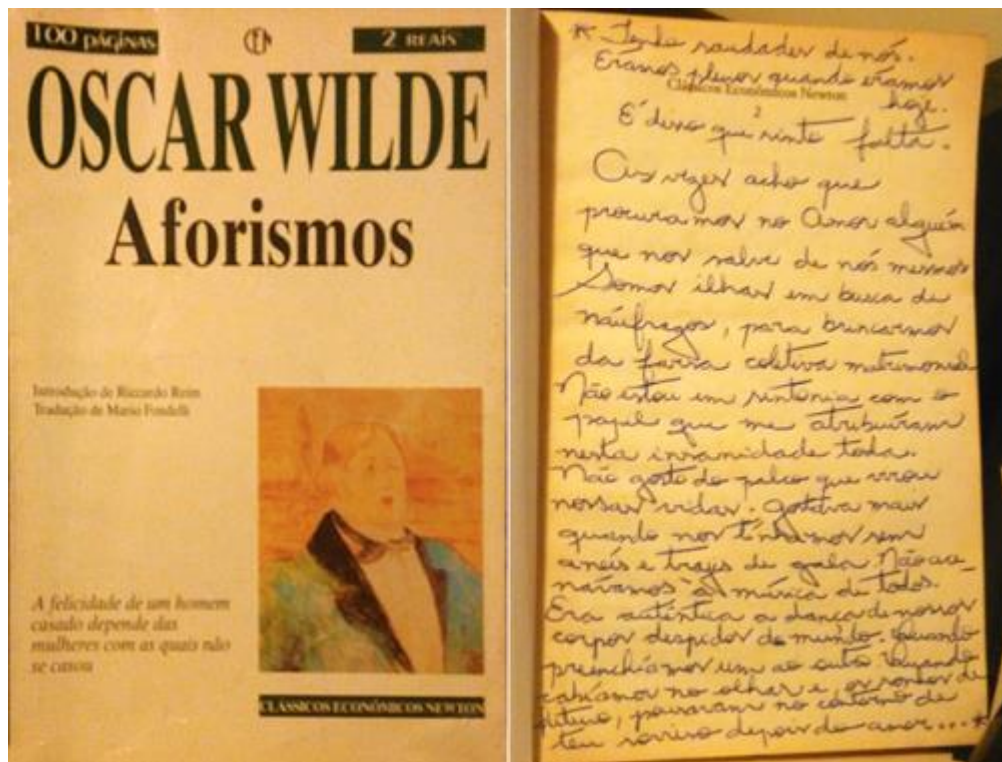
Quando conheci o Bruno, ele estava tentando sair de um crise profunda de ansiedade e depressão.

Quando escrevemos um texto, há sempre algo sobre nós que se inscreve nas palavras. Nossas intenções, sentimentos, anseios estão presentes em nossos escritos de maneira direta ou indireta. Nem sempre os sentimentos ou intenções se desenvolvem de forma explícita em uma escrita, como podemos notar através da dedicatória feita por Bruno e publicada no *Eu te dedico*. Retorno ao pensamento de Foucault (2010, p.145) ao dizer que a *escrita de si* exerce um movimento duplo: mesmo que em nossos escritos estejam inseridos um pouco do que somos ou daquilo que pretendemos, também sentimos vergonha pelo fato de que, no momento em que somos lidos por outras pessoas, aquilo que parecia tão nosso e íntimo se torna público. Ao lermos a dedicatória de Bruno e o contexto do agradecimento que presta à Priscila através do manuscrito, percebemos aquilo que atravessa o simples gesto do agradecimento através da escrita. Não se trata apenas de um pequeno fragmento de texto em que consta um agradecimento: trata-se de um pessoa que carrega vivências singulares e que de certa forma escoam através do agradecimento. Não há como enxergar a escrita como um gesto separado da vida. Como escreve Clarice Lispector (1998, p.13): “Não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira”. A escrita sempre dirá algo sobre nós mesmos, mesmo que seja nas entrelinhas e, como já demonstrado através do pensamento de Foucault (2010), podemos utilizá-la para atenuar os perigos da solidão. Nesta dedicatória, uma solidão que se atenua seja em forma de agradecimento ao outro, ou pelo simples gesto da escrita.

5.6 Não estou em sintonia com papel que me atribuíram

A dedicatória seguinte, publicada no dia 30 de junho de 2017 no *Eu te dedico*, nos mostra uma dedicatória em que sua autora escreve para alguém algumas palavras que, anos depois, reverberam em si mesma.

Figura 13- Dedicatória publicada no *Eu te dedico* no dia 30 de junho de 2017



Fonte: página do site eutededico.com.br²⁰

As vezes eu acho que procuramos no amor

alguém que nos salve de nós mesmos.

Somos ilhas, em busca de naufragos

para brincarmos da farsa matrimonial.

Não estou em sintonia com o papel que me atribuíram

nesta insanidade toda.

Não gosto do palco que virou nossas vidas.

Gostava mais quando nos tínhamos, sem anéis e trajes de gala.

²⁰ Disponível em: <http://eutededico.com.br/post/162434527704/as-vezes-eu-acho-que-procuramos-no-amor-algu%C3%A9m>. Acesso em 17 de dez, 2017.

*Não acenávamos à música de todos.
 Era autêntica a dança de nossos corpos despidos do mundo.
 Quando preenchíamos um ao outro.
 Quando cabíamos no olhar,
 e, os sonhos de futuro pousavam no contorno
 de teu sorriso leve depois do amor.
 Tenho saudades de nós.
 Éramos plenos quando éramos hoje.
 É disso que sinto falta.*

A dedicatória presente no livro *Aforismos* de Oscar Wilde foi enviada ao projeto por Karon, colaboradora do projeto *Eu te dedico*. No blog ela conta que escreveu a dedicatória a um antigo companheiro “como um último suspiro”:

Preciso desconstruir em minha vida, o ensinamento de que as moças foram feitas princesas, presas em torres, à espera de um príncipe encantado.

Hoje acredito que as histórias de amor aconteçam fora da sociedade civil e que os papéis instituídos à cada um, bem como a maldita burocracia, são capazes de minar relacionamentos, exaurindo-os.

Mas também creio no resgate do amor, na reconstrução.

Este livro antigo registra minha esperança. Foi entregue ao meu par como um último suspiro.

O que fazemos com nossos escritos quando os releemos? Muitas vezes não voltamos aos nossos escritos mas, quando o fazemos, percebemos reflexões e pensamentos sobre determinadas situações com as quais já não concordamos. Olhamos com carinho para as coisas que escrevemos pelo tom talvez ingênuo das opiniões emitidas em um passado tão distante, ou olhamos com um olhar crítico ao perceber como éramos e o que ainda carregamos daquilo que escrevemos outrora. O que escrevemos no passado nos constitui de certa forma. Por isso, valendo-me de Foucault (2010), penso que a dedicatória feita por Karon apresenta algumas características muito semelhantes ao dos *humpomnêmata*. Quando Foucault (2010) diz que as correspondências que enviamos possuem uma característica semelhante a dos *humpomnêmata* é porque no momento em que escrevemos para um outro, estamos também desenrolando nossa própria vida no texto. Nessa dedicatória, é como se Karon escrevesse para um outro um pouco sobre o que a constitui e anos depois, retornasse a mesma dedicatória para

conversar consigo mesma. Ao relermos a dedicatória feita por Karon ao antigo companheiro (a), não podemos dizer que ela utiliza esses escritos para lembrar as escolhas que fez no passado. Karon, ao dizer que *precisa desconstruir certos ensinamentos*, demonstra como a escrita da dedicatória constitui quem Karon é ou pretende se tornar. Um ano depois de ter escrito sobre as práticas do *Cuidado de si* que englobam o que Foucault chama de estudos sobre “as artes si mesmo”, como os *humpomnêmata* e a correspondência (FOUCAULT, 2010, p.145), ele escreve que a busca pela verdade sobre si também era um exercício que estava instaurado na releitura das cadernetas em que anotamos pensamentos, reflexões, citações e registros. Essa busca também se tornava evidente “nas cartas de trocas morais e espirituais” trocadas na cultura antiga (FOUCAULT, 2011, p.5). A *busca pela verdade sobre si* que se desenvolve através das *artes de si mesmo* vai ao encontro dos escritos que presenciamos aqui.

Quando Foucault (2010, p.149) nos lança a pergunta sobre “Como se confrontar consigo por meio da ajuda de discursos imemoriais recebidos de todo o lado?”, me pergunto sobre essas dedicatórias publicadas em um blog na internet, um local de tantos *discursos imemoriais*. Diariamente somos atravessados por notícias na internet e posts nas redes sociais. Fora os discursos na internet, somos atravessados por conversas corriqueiras, acontecimentos trágicos na televisão, leituras diversas. No entanto, me parece que quando anotamos as reflexões diante daquilo que captamos do mundo, como nos *humpomnêmata*, temos uma possibilidade maior de nos confrontarmos. Esse traço de confrontar a si mesmo é presente quando Karon relê a dedicatória que ela escreveu no passado a outra pessoa falando sobre o amor e a institucionalização das relações e escreve ao blog ao reler seus escritos: *Hoje acredito que as histórias de amor aconteçam fora da sociedade civil e que os papéis instituídos à cada um, bem como a maldita burocracia, são capazes de minar relacionamentos, exaurindo-os.*

A dedicatória de Karon publicada no *Eu te dedico* faz com ela releia seus próprios escritos e reflita sobre si mesma. É como se ao reler a dedicatória feita anos antes de enviar ao projeto *Eu te dedico*, Karon tentasse compreender suas escolhas e intenções no presente. Mesmo que Karon acredite que a burocratização das relações civis possam acabar com as histórias de amor, ela não necessariamente desistiu do que amor representa.

5.7 Tratar da morte nunca será fácil

A última dedicatória que analiso, publicada no *Eu te dedico*, nos mostra a ajuda que se desdobra através da palavra amiga, do cuidado com o outro e consigo mesmo:

Figura 14- Dedicatória publicada no blog *Eu te dedico* no dia 16 de janeiro de 2017



Fonte: página do site eutededico.com.br²¹

*Lorraine,
 Pequena, sei que o momento é difícil.
 Tratar da morte nunca será fácil.
 Esse livro é uma tentativa de arrancar-lhe sorrisos
 em meio ao momento que deveria ser mais leve.
 Carregamos peso demais.
 Damos intensidade exagerada àquilo que nos faz humanos.
 Não chorar não significa não amar.
 Morrer não é acabar.
 A morte sempre será o começo de algo maior.
 Nos apeguemos nisso.
 (em memória de nosso pai)
 Abraço do irmão mais velho,
 Driel.
 Agosto de 2004.*

A dedicatória foi escrita no livro *Contos de enganar a morte* do autor Ricardo Azevedo ano de 2004. A imagem foi enviada por Lorraine Driel ao *Eu te dedico* e publicada no dia 16 de janeiro de 2017. No blog, Lorraine conta:

Esse livro eu ganhei de meu irmão Driel no mês de falecimento de nosso pai. Eu era criança ainda, e ele queria me 'poupar' da dor da

²¹ Disponível em: <http://eutededico.com.br/post/155942166334/lorraine-pequena-sei-que-o-momento-%C3%A9-dif%C3%ADcil>. Acesso em 17 de dez, 2017.

perda, amenizando o meu choro, trazendo de volta o meu riso. É um livro infanto-juvenil no estilo cordel que reúne pequenas histórias de pessoas que tentam fugir da morte. Na época, teve gente que achou de mal gosto o que Driel fez, eu percebi uma sensibilidade incrível (agora mais do que antes). O livro me ajudou a passar por essa ausência, nos fortaleceu, criou um laço de amor ainda maior com meu irmão. Como o livro tem muitas páginas e contracapa pretas a dedicatória foi digitada por ele.

Sempre escrevemos para um outro. Mesmo que não sejamos lidos por ninguém, existe algo ou alguém que nos impulsiona a escrever. No entanto, como sugere Foucault (2010), penso que quando escrevemos um texto destinado a alguém, como nessa dedicatória, nos tornamos presentes. Como não relembrarmos dos momentos de nossas vidas em que precisávamos mais da palavra do que do próprio gesto? Muitas vezes uma pequena mensagem enviada por um amigo nos afaga mais do que um abraço. Nossos afetos criam corpo quando se dirigem a nós, mesmo que não estejam de corpo presente. Em um gesto lindo de cuidado, o irmão de Lorraine dedica um livro para que a irmã, ainda pequena, pudesse lidar com a morte do pai. A dedicatória fez da presença do irmão um alicerce, o tornou presente através da palavra escrita e amiga. No entanto, acredito ao retomar o pensamento de Foucault (2010, p.154) que seja através do caráter não unilateral de uma correspondência que se desenvolve o exercício da amizade. Digo exercício não unilateral, pois no momento em que o irmão de Lorraine a aconselha dizendo *Não chorar não significa não amar. Morrer não é acabar*, ele também absorve para si aquilo que diz a irmã pequena. O irmão de Lorraine ao dedicar os escritos também se prepara de alguma forma para lidar com o tema da morte. Em certos momentos de nossas vidas, uma pequena frase que nos é destinada de forma despreziosa se faz tão grande que a repassamos para que possa tocar outras pessoas também. Nós, terceiros leitores e testemunhas da troca de afeto entre Lorraine e seu irmão também nos munimos com as palavras da dedicatória. Como não pensarmos sobre o tema da morte e dos estilhaços que seu acontecimento provoca a partir dessa dedicatória? Ao reler o conselho do irmão de Lorraine tento fazer do tema da morte algo com menos ruído. A dedicatória do irmão de Lorraine é jogada ao mundo e convida, despreziosamente, seus leitores a pensarem sobre o tema da morte; suas palavras possibilitam que, através da leitura, possamos ser tocados ética e esteticamente tanto pela narrativa escrita quanto por sua imagem.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por que as dedicatórias publicadas em um blog na internet demarcam afeto no território do tempo? Geralmente temos acesso a poucas dedicatórias escritas à mão. A maioria das dedicatórias que temos contato são destinadas a nós mesmos quando uma pessoa escolhe nos presentear com um livro. Ou então, quando decidimos visitar algum sebo ou a casa de alguma pessoa e percorremos os livros que estão nesses locais, geralmente, por curiosidade. Encontramos, por casualidade ou não, escritos que não nos foram destinados. No entanto, o fato de existir um site na internet que funciona como um repositório de dedicatórias em que colaboradores estão, frequentemente, enviando imagens de manuscritos e as histórias que entrelaçam este ato de troca, nos apresenta um local que transita entre o passado e o presente.

As datas em que as dedicatórias que presenciamos aqui foram escritas são inúmeras, mas essas datas anteriores as nossas leituras talvez não sejam a questão mais relevante. Acredito que o mais encantador de ter acesso às imagens dessas dedicatórias se desenvolve pelo modo como elas nos tocam no presente. Através das leituras sobre memória coletiva a partir dos conceitos do sociólogo Halbwachs (2006) e das dedicatórias através do blog *Eu te dedico* tive a experiência de materializar um “preceito”: precisamos do outro para lembrar. Através das histórias publicadas no blog, percebemos que os colaboradores evocam memórias através do contato com o livro e com a releitura da dedicatória. No entanto, ao enviarem para o projeto, permitem que essas memórias toquem outros leitores.

Cada pessoa, ao acessar o eutededico.com.br, será tocada de maneira diferente pela imagem dos manuscritos e pelos relatos encontrados ali. Estes instantes se assemelham ao momento em que resgatamos antigos álbuns de fotografias e presenciamos nas imagens registradas no passado, algo do *tempo-vivido* apresentado por Bergson (1999). Como se estivéssemos diante de um recorte de um dado momento de nossas vidas, que anos depois, ao retomarmos essas imagens, olhamos para aquele momento de outra maneira, pois mudamos ao longo do tempo e talvez alguns fragmentos desse álbum de fotografias sejam interpretados de outras maneiras.

A partir de autores como Chartier (1996) e Skliar (2014), as reflexões em relação ao modo como lemos os textos e o mundo nos faz pensar sobre como nos apropriamos das leituras que fazemos nos tempos atuais. Na música *Era nova* de Gilberto Gil, o cantor escreve: *falam tanto de uma nova era, quase esquecem do eterno é*. Esse pequeno trecho da canção de Gilberto Gil me remete ao discurso sobre o avanço das tecnologias e o modo como

fazemos nossas leituras. Me parece que a plataforma de leitura não deveria ser a grande queixa tão proferida nos discursos midiáticos, ou em salas de aula. A crítica deveria se voltar para nós mesmos ao nos questionarmos como temos lido os textos e nos apropriado dos mesmos para criar algo da ordem da escrita.

A união do conceito de *imagem-lembrança* de Bergson (1999), sobre as memórias que não podem ser reproduzidas e que são os motores que pulsam as distintas formas de criação, com as noções de *arte de si mesmo* presentes nos *humnponêmata* e na correspondência tratadas pelo filósofo Michel Foucault (2010), me fizeram perceber como uma dedicatória pode ser uma *expressão artística*.

As definições em torno do que é considerado *arte* em nosso país se dissipam entre inúmeras opiniões. Ainda há aqueles que acreditam e proferem em seus discursos, como mestres, professores e intelectuais, que a arte é algo erudito, ou somente as grandes obras renomadas e históricas, como as que se encontram do Museu do Louvre. Embora saibamos a importância que essas obras tenham na história da arte e da cultura, como ignorarmos aquilo que nos forma também como sujeitos de um país subdesenvolvido? Sujeitos de um país de uma cultura rica e diversa e que tem encontrado no acesso à internet, que ainda progride, alguma forma de também se apropriar de elementos para sua formação.

Ao entrar em contato com o filósofo Michel Foucault (2010) tive uma maior compreensão sobre as práticas do *cuidado de si*, como *a escrita de si*. Práticas que estão estritamente ligadas ao cuidado do outro. Se nos fazemos belos diante da escrita e colocamos nossas vidas nos textos que criamos, não podemos ignorar o olhar do outro que se volta diante de nossos escritos. Não podemos ignorar o fato de que as *escritas de si* também podem ser formadoras de um indivíduo. Arte é tudo aquilo que têm o potencial de atravessamento. Arte é tudo aquilo que nos atravessa e nos transforma, nos impulsiona e nos forma como indivíduos. No momento em que estas dedicatórias se tornam públicas no blog *Eu te dedico*, não são mais somente algumas mensagens enviadas de uma pessoa para outra, elas fazem parte de um repositório virtual das *artes de si*. Um repositório que se encontra vinte e quatro horas aberto para que possamos apreciar suas obras e se emocionar diante da beleza que mora no gesto simples e gentil que é dedicar um livro a alguém.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz/Edusp, 1994.

CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade. 1996.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In *Ética, sexualidade, política*. Ditos & escritos V. Rio de Janeiro: Forense, 2010. p.144-162.

FOUCAULT, Michel. A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984). In **A coragem da verdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009

GOULEMOT, Jean Marie. **Da leitura como produção de sentido**. In: CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, C. **Todos os contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

SKLIAR, Carlos. **Escritas**. In: *Desobedecer a linguagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 97-140.

ROLAND, Barthes. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: F.alves, 1981.

APÊNDICE A

Entrevista concedida pela autora do projeto *Eu te dedico*, Mariana Gonçalves Guglielmelli, através de um questionário enviado por mim e respondido por Mariana ao meu e-mail no dia 31 de outubro de 2017.

Jéssica- Quando e como surgiu o *Eu te dedico*, qual foi tua motivação em criá-lo?

Mariana- Sempre tive uma curiosidade muito grande sobre as dedicatórias que as pessoas escreviam umas para as outras, mas, naturalmente, só tinha acesso às que eu escrevia ou ganhava de presente. Foi por isso que eu comecei a passear em sebos à procura de livros "premiados", para então fotografá-los. Imaginei que esse conteúdo também poderia interessar a outras pessoas e para que as imagens (e histórias) não ficassem guardadas comigo, criei o Eu Te Dedico (em 2012), abri para contribuições e ele se tornou um projeto colaborativo.

J- Porque tu acha que as pessoas sentem essa vontade de compartilhar as memórias pessoais com uma rede de pessoas (o público na internet)? E porque essas trocas de afeto pessoais que perpassam as dedicatórias também sensibilizam terceiros leitores?

M- Não sei responder essa primeira questão. Acredito que as motivações são variadas, entretanto, já percebi, por meio dos e-mails que recebo, que algumas pessoas veem a publicação no blog como uma forma de agradecimento ou homenagem ao autor da dedicatória.

Quanto à segunda pergunta, imagino que seja porque as dedicatórias e as histórias que as acompanham têm a capacidade de criar uma imagem mental de um momento e das pessoas envolvidas. Elas geram curiosidade, admiração e identificação.

J- Como tu enxerga a diferença de ter o contato com uma dedicatória em mãos em um espaço físico e com um objeto palpável (o livro) e a leitura dessas dedicatórias através de uma tela?

M- Acho que o suporte não altera essa experiência. A grande diferença do Projeto está em proporcionar às pessoas a oportunidade de ler dedicatórias que não foram escritas para si.

J- Porque a dedicatória em um livro tem esse poder de suscitar memórias?

Porque ela é a expressão escrita de um momento.

Por estar atrelada a um livro, dificilmente ela se perde. Em geral, livros com dedicatórias marcantes são objetos guardados com muito carinho, o que faz com que elas acabem sendo relidas, mesmo que anos depois de terem sido escritas ou até mesmo esquecidas. Esse ato da releitura faz com que aquele momento inicial seja lembrado.

J- Tu acha que ao escrever uma dedicatória para alguém, a pessoa que escreve também acaba contando um pouco sobre si no ato de escrever?

M- Toda escrita carrega algo de quem escreve, ainda mais em dedicatórias, que sempre têm como objetivo transmitir uma intenção.

J- Tem alguma história especial que te marcou relacionada a esses envios de dedicatórias por parte dos leitores do *Eu te dedico* que tu gostaria de compartilhar? Poderia me contar?

M- Tem várias, mas a mais recente foi a de uma pessoa que se encantou por uma mulher no ônibus e depois deixou um livro com dedicatória no mesmo assento onde estavam para que talvez, ela a encontrasse.